

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA**

ESTILOS PARENTAIS: UM ESTUDO ENVOLVENDO PAIS ADOTIVOS

MARINA COLOMBO AMARANTE

**BAURU
DEZEMBRO/ 2008**

MARINA COLOMBO AMARANTE

ESTILOS PARENTAIS: UM ESTUDO ENVOLVENDO PAIS ADOTIVOS

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Prof^ª. PHD. Maria de Lourdes Merighi Tabaquim.

BAURU
DEZEMBRO/2008

| | |
|-------|--|
| A485e | <p data-bbox="549 1189 911 1223">Amarante, Marina Colombo</p> <p data-bbox="488 1274 1123 1391">Estilos parentais : um estudo envolvendo pais adotivos / Marina Colombo Amarante – 2008.76f.</p> <p data-bbox="488 1442 1123 1518">Orientadora: Profª. PHD Maria de Lourdes Merighi Tabaquim.</p> <p data-bbox="488 1529 1102 1709">Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP.</p> <p data-bbox="488 1805 1123 1924">1. Estilo parental 2. Adoção 3. Práticas parentais 4. Família I. Tabaquim, Maria de Lourdes Merighi II. Título</p> |
|-------|--|

MARINA COLOMBO AMARANTE

**ESTILOS PARENTAIS: UM ESTUDO ENVOLVENDO PAIS
ADOTIVOS**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Prof^ª. PHD. Maria de Lourdes Merighi Tabaquim.

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Marcelo Mendes dos Santos (Titular)

Prof^ª Ms. Thelma M. Mendes dos Santos (Titular)

Prof^ª Ms. Maria Ivone Marchi Costa (Suplente)

BAURU, 05 de Dezembro de 2008.

Dedico este trabalho,

*à minha família, que sempre me apoiou
nos momentos difíceis;*

*ao Ronaldo, que sempre esteve ao meu
lado independente do meu humor,*

*aos professores, que me incentivaram na
busca pelo conhecimento.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a força que tanto pedi para terminar este trabalho, e esta etapa de minha vida.

Agradeço imensamente a minha mãe que enxugou minhas lágrimas nos momentos de desânimo.

Meu querido pai, que mesmo com suas dificuldades, sempre encontrou palavras sábias para me confortar e incentivar.

E também meus irmãos Lucas e Patrícia que me incentivaram, apoiaram e me auxiliaram bastante.

Agradeço muito a Ronaldo, meu querido amor, que me auxiliou com gráficos e tabelas, ouviu minhas lamúrias, e acompanhou intensamente casa minuto deste trabalho.

A todos os meus familiares que me apoiaram, e auxiliaram durante este processo, acompanhando o meu cansaço e me dando a força para continuar.

Aos meus queridos “pais tortos” (Thelma e Marcelo) que gentilmente me “adotaram” durante a caminhada no curso de psicologia, foram eles meus maiores incentivadores no envolvimento com a adoção. E foi através deles que percebi o quanto a adoção poder ser natural e tranqüila.

Não posso esquecer-me de agradecer minha incentivadora, Malú, que orientou de forma brilhante este e tantos outros trabalhos desenvolvidos na faculdade. Ela realmente quase me deixou “maluca”, mas cada segundo valeu a pena pelos conhecimentos que adquiri.

Sem deixar de lado também a todas as famílias que me receberam tão positivamente na coleta de dados, tenho certeza que depois deste encontro descobri ainda mais que a adoção é maravilhosa e dedicada a pessoas realmente iluminadas.

O filho adotivo não vem de fora; vem de dentro, como de dentro vem o filho biológico. Isto é, o filho que se adota é o filho que, afetivamente, é “gestado” no psiquismo de seus novos pais.

(Luiz Schettini Filho, 2005)

RESUMO

AMARANTE, M. C. Estilos Parentais: um estudo envolvendo pais adotivos; Profª. Orientadora: Maria de Lourdes Merighi Tabaquim. Bauru: USC, 2008, folhas, Monografia.

Na sociedade atual a educação e o estabelecimento de limites aos filhos, tanto biológicos quanto adotivos, tem se mostrado uma tarefa difícil, já que a concepção de família mudou e novos laços tem se formado, mostrando serem tão fortes quanto os “laços de sangue”. Pais adotivos relatam que, pela condição de adotantes, torna-se mais difícil a imposição de limites e a determinação de regras. O que esses pais não consideram é que os pais biológicos também apresentam as mesmas dificuldades, e ainda, sem uma justificativa compensatória para tal fato. Mesmo com as relações familiares se modificando, entre pais e filhos continua sendo a mais discutida, visto que as diferenças de gerações, idéias e vivências geram conflitos. A forma como os pais determinam as regras e estabelecem os limites, através do estilo parental, é que a criança se desenvolve psicossocialmente. Os estilos parentais são práticas educativas utilizadas pelos pais na educação de seus filhos, podendo ser práticas positivas ou negativas. O presente estudo teve como objetivo investigar os estilos parentais relacionados às práticas educativas de pais adotivos. Participaram 15 famílias adotivas, com filhos apresentando idade média de 11,4 anos, com período mínimo de convivência de 2 anos. Foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2006) à cada participante, pai, mãe e filho. Neste grupo amostral verificou-se a presença dos dois tipos de práticas parentais, sendo a de maior incidência a Monitoria Negativa. Verificou-se que as famílias pesquisadas se enquadram no estilo parental de regular, considerado a média para esta população. Outro tipo identificado nas famílias foi relacionado ao estilo parental de risco, onde foram aconselhadas formas grupais de intervenção para o ajustamento. Comparativamente aos pais, constatou-se que as práticas educativas maternas foram as mais comprometidas. Assim, o estudo concluiu que famílias com filho adotivo apresentam dificuldades no estabelecimento de regras e limites, com práticas educativas relacionadas à monitoria negativa e disciplina relaxada.

Palavras – chave: estilo parental, adoção, práticas parentais, família.

ABSTRACT

AMARANTE, M. C. Parental styles: a study involving adoptive parents; Prof^a. Orientadora: Maria de Lourdes Merighi Tabaquim.; Bauru: USC, 2008.

In the current society the education and the establishment of limits to the children, in such a way biological how much adoptive, if it has shown a difficult task, since the conception of family moved and new bows if have formed, showing to be so strong how much the “bows of blood”. Adoptive parents tell that, for the condition of adoptive, he becomes more difficult the imposition of limits and the determination of rules. What these parents do not consider is that the biological parents also present the same difficulties, and still, without a compensatory justification for such fact. Exactly with the familiar relations if modifying, between parents and children it continues being the most argued, since the differences of generations, ideas and experiences generate conflicts. The form as the parents determines the rules and establishes the limits, through the parental style, is that the child if develops psychologically end socially. The parental styles are practical the educative ones used for the parents in the education of its children, being able to be practical negative positive or. The study presented here one mentions 15 adoptive families to it, children with median age 11,4 years, which had had minimum period of life together of 2 years. The Inventory of Parental Styles (GOMIDE, 2006) in each participant, father, mother and son was applied. In this sample group it was verified presence of the two practical types of parental, being of the bigger incidence Negative Monitoring. It was verified that the searched families if fit in the regular parental style, considered the average for this population. Another type identified in the families was related to the risk parental style, where is advised the participation of groups intervention for the adjustment. Thus, the study it concluded that families with adoptive son present difficulties in the establishment of rules and limits, as the same biological families.

Key - words: parental styles, adoption, positive parental practice, negative, parental practice.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 01 – Descrição da classificação dos estilos parentais.....pág. 29
- Tabela 02 – Descrição da idade e escolaridade dos participantes. (N) representa o número dos participantes; (Analf.) analfabetos; (EF) ensino fundamental; (EM) ensino médio; (ES) ensino superior.....pág. 30
- Tabela 03 – Demonstrativo da correlação entre os estilos parentais positivos apresentados pelas diferentes categorias.....pág. 39
- Tabela04 – Demonstrativo dos estilos parentais negativos apresentados pelas diferentes categorias.....pág. 40
- Tabela05 – Correlação do iep indicado pelos filhos.....pág. 41
- Tabela 06 – Correlação entre o iep indicado pelos pais.....pág. 41
- Tabela 07 – Correlação entre o iep indicado pelos filhos e pelos pais.....pág.41
- Tabela 08 – Correlação entre o iep indicado pelos filhos e pelas mães.....pág.42

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|---------|
| Gráfico 01 – Demonstrativo do Estilo Parental positivo dos pais sob a perspectiva dos filhos..... | pág. 31 |
| Gráfico 02 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo das mães sob a perspectiva dos filhos..... | pág.32 |
| Gráfico 03 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo dos pais sob a perspectiva dos filhos..... | pág.32 |
| Gráfico 04 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo das mães sob a perspectiva dos filhos..... | pág. 33 |
| Gráfico 05 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo sob a perspectiva dos pais..... | pág. 34 |
| Gráfico 06 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo sob a perspectiva das mães..... | pág.34 |
| Gráfico 07 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo sob a perspectiva dos pais..... | pág. 35 |
| Gráfico 08 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo sob a perspectiva das mães..... | pág. 36 |
| Gráfico 09 – Demonstrativo do iep dos pais sob a ótica dos filhos..... | pág. 37 |
| Gráfico 10 – Demonstrativo do iep das mães sob a ótica dos filhos..... | pág. 37 |
| Gráfico 11 – Demonstrativo do iep dos pais..... | pág. 38 |
| Gráfico 12 – Demonstrativo do iep das mães..... | pág. 38 |

SUMÁRIO

| | |
|--|--------|
| INTRODUÇÃO..... | pág.13 |
| 1- REVISÃO DE LITERATURA..... | pág.15 |
| 1.1 – Um olhar sobre a adoção..... | pág.15 |
| 1.2 – As relações familiares e a adoção..... | pág.18 |
| 1.3 – Estilos Parentais..... | pág.20 |
| 2- OBJETIVOS..... | pág.25 |
| 2.1 – Geral | pág.25 |
| 2.2 – Específicos..... | pág.25 |
| 3- METODOLOGIA..... | pág.26 |
| 4 - RESULTADOS..... | pág.30 |
| 4.1 – Caracterização da amostra..... | pág.30 |
| 4.2 – Descrição dos resultados..... | pág.31 |
| 4- CONCLUSÃO..... | pág.44 |
| 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | pág.45 |
| 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | pág.46 |
| APÊNDICES..... | pág.49 |
| ANEXOS..... | pág.54 |

INTRODUÇÃO

A adoção tem passado por grandes avanços nos últimos anos, e com frequência, a mídia tem proporcionado reflexões sobre outra forma de se conceber a família. O tema tem sido mais debatido, o que promove ambientes menos preconceituosos e mais acolhedores a essas famílias. Com isso, surgem questões sobre o filho adotivo que muitos, desconhecem ou acreditam, devam ser diferentes sobre o filho biológico, ou seja, a forma de educar o filho adotivo, ou, contar sobre a adoção, bem como os mitos e preconceitos que este tema envolve.

Entende-se por adoção o ato jurídico no qual um indivíduo é permanentemente assumido como filho por uma pessoa ou por um casal que não são os pais biológicos do adotado. Sendo que as responsabilidades e os direitos são transferidos dos pais biológicos aos pais adotivos.

Muitos pais acreditam que, por seu filho ser adotivo e frequentemente vivido condições trágicas mesmo antes do nascimento, deva cuidar com mais mimos que os filhos biológicos. Outras situações que amedrontam, referem-se às informações biológicas da criança, pois acreditam que poderá herdar os “*genes ruins*” da família de origem, ou então que desejará posteriormente conhecê-los e abandonará a família que o adotou (WEBER, 1999).

A adoção já passou por diversos momentos no Brasil. Weber (1999) relata que na Idade Média a criança era vista como um ser sem alma, um mini adulto imperfeito, que provinha do pecado original de seus pais e que precisava ser combatido. Por isso que a educação era tão rígida, fazendo-se uso de palmatórias ou outros tipos de espancamento. Havia também, naquele tempo, a “roda dos expostos”, onde os pais abandonavam seus filhos sem se identificar. A princípio, esta roda teve uma proposta positiva, pois diminuíram o número de infanticídios, mas ela demonstra uma preocupação dos pais com o bem estar próprio, não pensando em momento algum na qualidade de vida de seus filhos. Posteriormente, a adoção foi entendida como os “filhos de criação”, onde muitos pais entregavam para outras famílias educarem, porém, estas comumente o exploravam. Somente em 1930 surgiram os internatos, com a intenção de proteger as crianças de um mundo hostil e resguardar a sociedade da “convivência incômoda” deles (PORTO; CARVALHO, 2000).

Atualmente, as crianças adotadas, na maioria das vezes, vêm de uma condição sócio-econômica inferior de seus pais adotivos, o que gera preconceito e cria fantasias e mitos nessa relação. A maioria dos casos de adoção ainda é por motivo de infertilidade. Weber (2004) demonstrou que 85% dos casais em processo de adoção apresentaram dificuldades para engravidar normalmente. Surge daí a exigência, no momento da adoção, dos pais quererem uma criança recém nascida com características físicas semelhantes às suas.

Com freqüência, crianças em abrigos, passaram por situações trágicas em seu pouco tempo de vida, de quebra do convívio familiar biológico, de forma tão intensas que podem deixar prejuízos na personalidade. A partir desta situação, muitos pais despreparados para a adoção acreditam que devem cuidar com muito mais zelo e mimos dessa criança que já passou por grande sofrimento em sua vida. Esse comportamento dos pais pode gerar dificuldades em outros momentos da vida da criança, como no estabelecimento de limites e colocação de regras.

Maldonado (1987) apresenta a família como sendo o conjunto de pessoas que se relacionam entre si, por criação ou geneticamente e que podem viver em uma mesma habitação. Estas relações familiares têm se modificações nos últimos tempos, principalmente quando se trata de sua composição tradicional (pai, mãe e filhos). Estudos mostram que mesmo com novas formações pais ou responsáveis não apresentam diferenças quando se trata da educação de filhos, sendo eles biológicos ou não. A autora também discute que as famílias têm o compromisso de se responsabilizar pelo bem estar, uns dos outros, afirmando que isto acontece porque um grande número delas passou a se constituir sem a base dos “*laços de sangue*”, mostrando assim que os vínculos de amor e compromisso não dependem de parentesco.

Este estudo teve como proposta de verificar a maneira como pais estabelecem limites e educam seus filhos adotivos, através da avaliação do estilo parental predominante, numa amostra de famílias adotivas. Esta proposta se justificou, tendo em vista a literatura, sobre este tema, ser escassa. Estudos envolvendo estilos parentais ou práticas parentais educativas já foram realizados com outras populações, tais como, jovens infratores, adolescentes, alunos de escolas particulares e publicas (COSTA et al, 2000; OLIVEIRA et, al, 2002; CECCONELLO et. al., 2003; TEIXEIRA et al, 2006; WEBER, et.al.; 2006).

Desta forma, constatou-se a importância da ampliação de estudos envolvendo a adoção, sobre as práticas educativas parentais e as implicações no desenvolvimento, no

comportamento e desempenho dos filhos adotados. Este estudo apresenta a fundamentação teórica sobre a adoção, as relações familiares e os estilos parentais. Por fim, são apresentados os resultados e discussão da aplicação do Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2006) em pais e filhos adotivos.

1- REVISÃO DE LITERATURA

1.1 - Um olhar sobre a adoção

A sociedade contemporânea tem ampliado de forma gradativa o debate a assuntos referentes a filiação adotiva. Constatam-se que estudos, pesquisas, congressos, bibliografias recentes, auxílio da mídia e associação de grupos de apoio a adoção têm contribuído amplamente para a “normalização” da família que decide por adotar uma criança. Para tanto se fez necessário criar uma nova cultura da adoção no Brasil, já que mesmo com os estudos recentes muitos ainda tem preconceitos e idéias errôneas sobre o tema. A adoção vem de muito tempo, mas com olhares diferentes. Segundo Schettini (2007), Édipo é o relato mais antigo de adoção da história grega.

Levinzon (2004) *apud* Schetini (2007), nos mostra que existem diversas razões para que uma família decida pela adoção, podendo ser a esterilidade de um ou ambos os pais, a morte anterior de um filho, o desejo de ter filhos quando já se passou a idade em que isto é possível biologicamente, as idéias filantrópicas, o contato com uma criança que desperta o desejo da maternidade ou paternidade, o parentesco com pais biológicos que não possuem as condições para cuidar da criança, homens e mulheres que anseiam por ser pais mas não possuem parceiro amoroso e até o desejo de ter filhos sem ter de passar pelo processo de gravidez.

No Brasil estima-se em 200 mil o número de crianças e jovens entre 4 e 18 anos em situação de abandono no país. Enquanto metade das crianças aptas para a adoção tem mais de 7 anos, menos de 10% dos brasileiros interessados em acolher um novo filho têm interesse em meninos ou meninas com idade superior a 10 anos. Sem contar que antigamente a questão da adoção neste país era tratada como sigilosa, mas atualmente, com esta nova cultura da adoção, lentamente as pessoas estão percebendo que é necessário falar sobre o assunto e discutir novas formas de agilizar o processo de obtenção da guarda de uma criança que necessita de cuidados (WEBER, 1998).

Recentemente o Conselho Nacional de Justiça lançou o Cadastro Nacional de Adoção (CNA - 2008) que integra as listas de crianças que podem ser adotadas e de candidatos a adotá-las que possam estar espalhados por todo o país. Esta centralização e intersecção de informações, permitirá a aproximação de crianças que aguardam por famílias em 6 mil abrigos brasileiros com pessoas de todos os estados que estejam aptas

para a adoção. Este órgão afirma que este processo irá reduzir a burocracia, pois uma pessoa apta para a adoção em sua comarca estará apta para a adoção em qualquer estado do país. Atualmente, os interessados em adotar passam por um processo de habilitação (que inclui entrega de documentos, entrevistas com psicólogos e assistentes sociais e um parecer do juiz da Vara da Infância e da Juventude) para entrar numa fila de pretendentes e aguardar uma criança com o perfil desejado. O processo, no entanto, só é válido para a localidade onde a pessoa ou o casal mora, exigindo uma nova habilitação para buscar uma criança em outra comarca. Já com o CNA a pessoa se candidata somente em sua comarca, mas tem as informações espalhadas em todas as comarcas do país (<http://www.cnj.jus.br>).

A Associação Brasileira dos Magistrados (AMB) realizou uma campanha intitulada “Mude um destino”, que, em sua segunda fase, presa pelo incentivo a adoção legal, ou seja, com a utilização do Poder Judiciário. Desta forma, procurou-se evitar a adoção chamada “à brasileira”, que dispensa os procedimentos legais e acaba por trazer insegurança à criança e também aos pais. Nesta campanha eles ressaltaram a importância em avaliar quais os tipos de crianças que estão em abrigos, quais ainda podem voltar ao convívio familiar, e quais estão aguardando a destituição do Pátrio Poder (<http://www.amb.com.br>).

Esta questão referente à destituição do Pátrio Poder dos pais biológicos é bastante discutida, pois existem muitas crianças em abrigos, mas nem todas estão aptas a serem adotadas, considerando não terem ainda a destituição dos pais biológicos. Isto passa a sensação de que existem muitas crianças e que o processo de adoção é bastante dificultoso, e, em alguns casos, a criança passa da idade considerada comum para a adoção.

Freire (2001) afirma que “é necessário que se trabalhe as questões da adoção com consciência, método e criatividade a fim de que deixe os espaços do segredo e das mentiras, da insensata tentativa de imitar a biologia, para se afirmar como uma nova expressão de paternidade e de maternidade, diversa da biológica em sua origem, plena de direitos e deveres, constituída pelos afetos e pela lei.

Weber (2004) discute que os laços sanguíneos são tema forte para gerar o preconceito, onde as pessoas tratam por *famílias adotivas* ou *famílias naturais*, *filhos adotivos* ou *filhos naturais*, denotando com estas palavras que os filhos adotivos não são naturais ou verdadeiros. Segundo o autor, a exacerbação pelas questões de

consangüinidade faz surgir “no imaginário coletivo a fantasia de que a condição biológica garante por si mesma a formação de uma relação parental”.

Donaldson (2008), mostra que é necessário um acompanhamento das famílias adotivas, promovendo uma preparação, educação e suporte, podendo ser individual ou em grupos de apoio, sendo que a participação de bons profissionais na área é de extrema importância. Esta preparação dos pais deve ocorrer antes e depois da adoção, para que se tenha um desenvolvimento adequado das dinâmicas familiares, bem como um desenvolvimento adequado das habilidades da criança. Nos Estados Unidos, esse tipo de programa se utiliza da internet para chegar àquelas famílias mais isoladas, enfatizando que a história particular da criança deve ser valorizada.

A preparação dos pais, antes da chegada da criança, é o chamado “pré – natal da adoção” que foi desenvolvido pelo Grupo de Estudo e Apoio a Adoção – Goiânia, cujo objetivo é o encontro de pais na busca pela preparação mais adequada para receber seus filhos. Também tem a proposta de promover a redução das ansiedades e fantasias envolvidas com o tema, além de desmistificar preconceitos que poderão vivenciar após concretizada a adoção. Esta proposta tem sido desenvolvida em algumas capitais e em Goiânia, com um grande apoio da Vara da Infância e Juventude. Os encontros envolvem diferentes temáticas e a participação multidisciplinar, incluindo psicólogos, assistentes sociais e advogados, abrangendo assim todos os aspectos da adoção. Este acompanhamento é defendido como importante para que a família realize uma adoção com menos impacto em suas vidas e aprenda a lidar com o tempo necessário de adaptação natural entre seus membros.

Schettini (2007) relata que essa adaptação existe até nas famílias biológicas. Quando a mulher está grávida todos os membros da família se preparam para esta chegada e quando ela ocorre, a rotina de todos sofre mudança, pois a criança necessita de cuidados. Uma família que está aguardando por seu filho adotivo a preparação é a mesma, com a diferença de que não é uma “gestação” com período determinado para terminar, e quando a criança chega, a mesma modificação de rotina acontece.

É compreensível que os pais que entram na fila de espera por seu filho vivam a fase da espera com um momento de tensão, sendo esta carregada de expectativas, fantasias, preocupações e esperanças. A maneira como esses sentimentos serão vividos e enfrentados será relevante para a construção de atitudes flexíveis e acolhedoras, ou defensivas e de evitação, em relação à escolha efetuada (SCHETTINI e cols., 2006). Este período de espera é importante, chegando a ser considerado o período “gestação

psicológica” da adoção, o momento de preparação dos pais para a chegada de um novo membro naquela família. Podemos comparar esta “gestação psicológica” com a gestação normal, onde a família espera por nove meses até que a criança fique pronta para o nascimento; nessa outra família, se preparam também para a recepção de um novo ser. As ansiedades e expectativas dessas duas experiências se equiparam, pois as duas se resumem com a inserção de um novo membro no contexto familiar, fato este que necessita de preparo, paciência e adaptação, já que a rotina nos dois contextos irá sofrer modificações em decorrência dessa chegada. Assim, verifica-se a importância do contexto familiar para realizar as adaptações necessárias.

É comum pais adotivos relatarem dificuldades de como contar para a criança a sua condição de adoção, onde geralmente é apresentada para a criança a metáfora de que são “*filhos do coração*”. Schettini Filho (2005) mostra que esta metáfora é passível de muitas confusões; primeiro, para os pais, esta relação acaba por deixar de lado a origem sexual e a existência de genitores, já na percepção do filho adotivo, pode ser considerada uma forma “anormal” de ser filho, onde eles se sentem inferiorizados, pois não “nasceram da barriga” como os outros colegas. Portanto para o adulto ser “filho do afeto” é mais rico e profundo.

Atualmente, a adoção já não é vista como uma filiação de segunda categoria ou apenas como o último recurso de que casais estéreis lançam mão quando não podem ter filhos pelas vias biológicas. A adoção hoje é definida como outra possibilidade de se constituir família, a qual pode trazer resultados tão satisfatórios quanto a filiação biológica. Na verdade, como muito bem define Levinzon (2004) *apud* Schettini et al (2006), “toda filiação é, antes de tudo, uma adoção”.

1.2 – As relações familiares e a adoção

As famílias atuais apresentam novas formas de concepção sobre a sua constituição, não tendo maior preconceito falar de *famílias de pais separados* ou *famílias homoafetivas* e *famílias com filhos adotivos*. O contexto familiar é extremamente importante para dar o suporte necessário, em qualquer situação que a família passe, independente de qual a configuração deste ambiente.

Schettini (2007), citando Rudinesco (2003), fala sobre as fases de evolução das famílias, demonstrando que estas passaram por três períodos diferentes: a família “tradicional” que assegurava a transmissão do patrimônio, e que era regida pelo poder

do pai; depois a família “moderna” regida pela lógica afetiva, romântica em que o casal se escolhe sem a interferência dos pais, onde procuram por satisfação amorosa e sentimental; e a família “contemporânea ou pós-moderna” em que a transmissão da autoridade vai ficando cada vez mais complexa em função das rupturas e recomposições que a família vai sofrendo.

Esta família contemporânea sofreu muitas modificações em um curto espaço de tempo. A família nuclear tradicional (pai, mãe e filhos) está cada vez mais escassa e novas configurações familiares vem conquistando seu espaço. Estas novas famílias apresentam dinâmicas próprias de funcionamento e segundo Schettini (2007) exigem novos olhares e debates para um redimensionamento dos limites da família, desafiando paradigmas conservadores. Na vida corrida presente, ambos os pais tem se dedicado pouco ao cuidado de seus filhos, devido a sua carga de trabalho extrema. Esta autora ainda afirma que toda família biológica ou adotiva sofre as influências marcantes da contemporaneidade e a complexidade da vida atual.

Sem contar que as famílias passam hoje por um momento de desvalorização moral, onde as corrupções e malandragens envolvem a família e seus membros. Visto que a sociedade em geral tem sofrido uma modificação com relação a normas e regras, onde as pessoas não cumprem as regras, não obedecem as leis. Todas estas questões estão envolvidas na criação de uma criança, pois esta está inserida na sociedade e necessita aprender de seus pais como conviver com tais situações. É fundamental que os pais também precisam assumir suas responsabilidades no trato com seus filhos.

Muitos pais biológicos tem apresentado dificuldades em encontrar a maneira de educar seus filhos dentro da nova configuração de família, onde eles não se sentem tranquilos ou seguros, tendo relatos de não saber como agir em determinadas situações. No pensamento de Bettelheim (1988) *apud* Schettini (2007), com a desintegração dos modelos tradicionais de vida familiar e de criação dos filhos, os pais perderam a segurança que as pessoas traziam antes extraíam dos costumes duradouros. Sem contar com a falta de valores morais e éticos que nos tempos atuais passaram a ser menos comentados.

É comum ouvir de pais adotivos, cujos filhos estão passando por dificuldades, que estes só estão assim devido ao fato de serem adotivos, não podemos deixar de lado que filhos biológicos também passam por dificuldades. Os pais tanto biológicos quanto adotivos devem se conscientizar de que filhos biológicos ou adotivos “dão trabalho”, e que a educação que os pais transmitem deve ser a mesma, independente da condição do

filho. Muitos pais, hoje em dia, relatam ter medo de “traumatizar” a criança se eles agirem de forma mais enérgica e também uma idéia de compensação proveniente da condição de adoção (AMARANTE; CARDOSO; SANTOS, 2008).

Giberti (1987), afirma que a família adotiva constitui-se de um grupo que engloba outro grupo, sendo este formado pelos pais adotivos, e aquele formado pelos antepassados biológicos e culturais da criança que foi adotada. E para os pais adotivos estas questões biológicas são motivos de muitos temores e fantasias.

1.3 – Estilos Parentais

As práticas educativas são influenciadas pelo contexto sócio-histórico. Nos séculos XVIII e XIX, o objetivo da socialização era estritamente moral, visando a integridade, honestidade e educação, seguindo a ética da revolução industrial. No século XX, as práticas educativas foram dominadas pela opinião médica, refletindo um novo sistema de valores que visava primordialmente a redução da taxa de mortalidade com orientações que se referiam a como cuidar da higiene da criança e prevenir doenças. Com o passar do tempo, foi se construindo um paralelo entre higiene física e higiene mental, e para ambas, a regularidade nos hábitos era considerada fundamental (GRUSEC; LYTTON, 1988).

Durante o Império Romano e no início da Idade Média, quando o cristianismo expandiu sua influência, prevalecia o *modelo de abandono*. A maioria dos pais, embora estivesse mais próxima de suas crianças do que em períodos anteriores, não sabiam tratá-las como crianças reconhecendo suas necessidades específicas. Em função disso, muitas famílias abandonavam emocionalmente suas crianças, deixando-as aos cuidados de empregadas ou em mosteiros. No fim da Idade Média e início da Idade Moderna, predominou o *modelo ambivalente*, que se caracterizava por uma maior proximidade dos pais em relação aos filhos. Entretanto, embora os pais estivessem mais próximos da criança, ainda não compreendiam as características da infância e oscilavam entre o abandono e o controle excessivo (punições, espancamento e manipulação pela culpa) com o objetivo de moldá-la para o convívio social. A grande mudança ocorreu no século XX, no qual surge o *modelo socializador* ou auxiliador (*helping*). A partir daí os pais teriam passado a compreender melhor a natureza e as características da infância, sabendo expressar seu amor aos filhos, integrando-os à sociedade com mais respeito aos seus desejos e necessidades (DEMAUSE, 1989).

A partir da década de 30 pesquisadores surgem questões sobre a melhor maneira de educar a criança e quais as conseqüências que se pode ter a partir de uma educação com diferentes estilos parentais (WEBER et al, 2004). Baumrind (1966) representa a grande referência de estudos posteriores (COSTA, et al, 2000; OLIVEIRA, et al, 2002, CECCONELLO et. al., 2003, WEBER, et al, 2004, TEIXEIRA et al, 2006) quando propôs o estilo parental *autoritativo* como sendo mais efetivo do que os estilos *autoritário* e *permissivo*. Para ele, o *autoritativo* é aquele que direciona as atividades da criança de maneira racional e orientada, incentiva o diálogo, compartilha o raciocínio implícito na sua ação, exerce firme controle dos pontos de divergência, colocando sua perspectiva de adulto, porém sem restringir a da criança. Seus trabalhos impulsionaram os estudos de estilos parentais integrando os aspectos comportamentais e afetivos.

O uso de práticas coercitivas pode estimular e agravar um padrão inadequado de comportamento quando este padrão é, ao mesmo tempo, punido e reforçado. Para Catania (1999), o comportamento de crianças que costumam provocar os pais até serem punidas pode ser explicado pelo fato de que as punições (surras ou castigos) são geralmente seguidas pela atenção dos pais arrependidos. A atenção dos pais pode ser um reforçador poderoso, especialmente se em outras circunstâncias a criança não tem acesso à ela. Nesse caso, o efeito reforçador da atenção dos pais superaria o efeito de supressão do comportamento inadequado induzido pela punição, o que explicaria a prevalência e o agravamento deste padrão.

Outro aspecto relevante relacionado às práticas educativas é a consistência ou inconsistência do manejo dos pais, podendo manifestar-se com a tendência a punir algumas vezes e em outras, reforçarem o mesmo tipo de comportamento, sem que exista um motivo adequado. Por outro lado, a inconsistência também ocorre quando um dos pais pune e o outro reforça o mesmo comportamento. Esse tipo de manejo não gera parâmetros definidos que possam regular o comportamento da criança de forma consistente. Nesse sentido, ambos os tipos de inconsistência são desfavoráveis aos objetivos de socialização e há indícios de que poderiam levar a criança a comportamentos desviantes, até mesmo à delinqüência (TABAQUIM, 2008).

O afeto existente na relação entre pais e filhos também tem sido apontado como uma variável de extrema importância na determinação da eficácia das estratégias disciplinares, empregadas pelos pais. O afeto torna a criança mais receptiva à disciplina e mais segura emocionalmente para responder às necessidades dos outros (HOFFMAN, 1994).

O estilo de interação mãe-criança também influencia a eficácia das estratégias de controle maternas. Relações baseadas na reciprocidade, em que a mãe consegue ser responsiva e sensível às necessidades do filho, tendem a favorecer a obediência e ajustamento das influências maternas por parte da criança (PARPAL; MACCOBY, 2005).

Darling e Steingerg (1993) propõe uma distinção dos termos *estilos parentais* (BAUMRIND, 1971) e *práticas educativas parentais* ou *estratégias disciplinares* (HOFFMAN, 1994). Apesar de esses termos serem comumente empregados para referirem-se ao mesmo aspecto da integração pais e filhos, e do processo de socialização, eles referem-se a aspectos distintos, embora não sejam incompatíveis. O termo *práticas educativas parentais* refere-se mais precisamente às estratégias específicas empregadas pelos pais (punição física, explicação, negociação); o termo *estilos parentais* designa as características globais ou gerais dos pais no que diz respeito a sua interação com os filhos. Nesse sentido, os estilos parentais poderiam ser considerados como uma espécie de contexto global que modula a influência de práticas educativas específicas.

Gomide (2006) define práticas educativas parentais como um “conjunto de práticas educativas ou atitudes parentais, utilizadas pelos cuidadores, com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos”. Estas práticas podem ser entendidas como estratégias utilizadas pelos pais em diferentes contextos.

Gomide (2006) enfoca, dentre as diversas práticas apresentadas, aquelas relacionadas ao desenvolvimento ou inibição do comportamento anti-social. Para a autora, o comportamento pró-social estaria associado às práticas parentais positivas e o comportamento anti-social às práticas parentais negativas. Define *estilos parentais positivos*, quando as práticas parentais positivas forem maiores que as negativas; e, os *estilos parentais negativos*, quando as práticas parentais negativas forem maiores que as positivas.

Gomide (2006) classifica sete práticas parentais, sendo duas positivas e cinco negativas. As *práticas positivas* são: a monitoria positiva e o comportamento moral; e, as *práticas negativas* são: punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico e psicológico. A autora determina que as práticas educativas positivas envolvem o uso adequado da atenção e distribuição de privilégios, ou seja, o uso do elogio, bem como o estabelecimento adequado das regras, distribuição contínua de segurança e o acompanhamento e supervisão das tarefas escolares ou de

lazer, até mesmo na promoção das condições favoráveis para o desenvolvimento de virtudes (empatia, senso de responsabilidade, etc). As práticas educativas negativas envolvem o descaso ou ausência de atenção e afeto, abuso físico e psicológico, que se caracteriza pela disciplina através de práticas corporais negativas (ameaça, chantagem, abandono, humilhação, etc), o relaxamento de regras estabelecidas, a punição inconsistente orientada pelo humor dos pais na hora da aplicação da punição. Além disso, na monitoria negativa ocorreria o excesso de instruções, independente de seu cumprimento, e a geração de um ambiente de convivência hostil.

Na monitoria positiva, os pais proporcionam um conjunto de regras sobre onde a criança deve ir, com quem pode falar, quando ir para casa, etc. Sendo assim, este estilo envolve o uso adequado da atenção e distribuição de privilégios, bem como, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afetos e acompanhamento das atividades desenvolvidas pela criança. O comportamento moral implica na promoção de condições favoráveis para o desenvolvimento das virtudes (empatia, senso de justiça, responsabilidade, generosidade), o reconhecimento do que é certo ou errado, como também informações sobre álcool, drogas e sexo seguro.

As práticas parentais negativas envolveriam a negligência, representada pela falta de atenção e afeto, onde os pais se omitem nas situações difíceis, não assumem suas responsabilidades, chegando a ignorar a maioria dos comportamentos da criança. O abuso físico ou psicológico é caracterizado pela disciplina de práticas corporais negativas (ameaça, chantagem ou humilhação). GOMIDE (2006) afirma que, a “*punição corporal é o uso da força física com a intenção de fazer a criança sentir dor, mas não machucá-la, com o propósito de corrigir ou controlar o comportamento da mesma; o abuso físico é o resultado potencial da punição corporal, caracterizado pelo, socar, espancar, morder, queimar, sacudir ou simplesmente machucar a criança*”. A punição corporal é mais facilmente administrada em crianças de até 5 anos de idade.

Outra prática negativa apresentada por Gomide (2006) é a *disciplina relaxada*, que compreende como os pais cumprem ou não as regras que eles mesmos estabeleceram. A *punição inconsistente* demonstra como os pais são orientados por seu humor na hora de punir ou reforçar os comportamentos da criança, não levando em conta o ato praticado. Segundo a autora, é possível observar que, quando esta prática é exercida pelos pais, o comportamento indesejado permanece. E por fim, a *monitoria negativa*, também chamada de *supervisão estressante*, é caracterizada pelo excesso de

instruções e fiscalizações à criança, independente de seu cumprimento, o que acaba por gerar um ambiente de convivência hostil, inseguro e dissimulado.

Uma questão bastante controversa na pesquisa sobre práticas educativas (WEBER, 2004; DASCANIO, 2007) é a correspondência entre o que é relatado pelos pais e a forma como eles de fato agem com seus filhos. Kochanska e Radke (1989) conduziram um estudo cujo objetivo era verificar o quando o comportamento das mães em interação com seus filhos corresponderiam aos seus próprios relatos sobre as práticas educativas utilizadas. Foram realizadas observações naturalísticas da interação mãe-criança e entrevistas com as mães sobre práticas educativas. A comparação dos dados coletados revelou correspondência entre o relato verbal das mães e as estratégias utilizadas na interação com a criança.

Alvarenga (2000) investigou as diferenças entre as práticas educativas de mães de crianças com problemas de comportamento (grupo clínico) e mães de crianças sem problemas de comportamento (grupo não-clínico). Participaram 30 díades mãe-criança, de nível socioeconômico baixo e médio-baixo. As crianças eram de ambos os sexos e idade entre 5 e 6 anos. Foi empregado o CBCL, Inventário de comportamento. Mães do grupo clínico mencionaram práticas coercitivas com uma frequência significativamente maior que as mães do grupo não clínico.

A forma como estes estilos são apresentados, influencia o desenvolvimento psicossocial da criança, sendo este “clima emocional” determinante para reconhecer que práticas parentais são implementadas (TEIXEIRA et al, 2006). É necessário que a criança sinta que os pais a amam incondicionalmente, mesmo quando estabelecem limites, quando dizem “não”. É importante esta prática vir acompanhada de explicação ou reflexão, para que as situações possam ser negociadas e a criança compreender, aprendendo com a situação. O desenvolvimento afetivo e social da criança pode ser definido pela educação que seus pais estabelecem e do estilo utilizado para controle e realização da tarefa, embora outras vivências possam também ter influência, tal como, os amigos, os colegas da escola e da comunidade em geral.

2- OBJETIVOS

2.1 – Geral

Investigar os estilos parentais relacionados às práticas educativas de pais adotivos.

2.2 – Específicos

- Identificar os índices de práticas educativas parentais maternas e paternas;
- Identificar os índices de práticas educativas dos pais na percepção do filho;
- Comparar os níveis obtidos nas práticas educativas parentais apresentadas pelos pais e pelos filhos;

- Caracterizar os estilos parentais apresentados pelas famílias.

3- METODOLOGIA

Participantes

Este estudo foi constituído por uma amostra de 45 sujeitos, sendo 15 pais e 15 mães com seus respectivos filhos adotivos (15 sujeitos), participantes da Triagem Psicológica Específica do Grupo de Apoio a Pais Adotivos na Clínica de Psicologia Aplicada da Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP.

Critérios de Inclusão

Foram constituídos três grupos: Grupo 1 (filhos); Grupo 2 (pais); Grupo 3 (mães).

Grupo 1 (G1)

- Estar na faixa etária de 08 a 15 anos de idade.
- Pertencer ao sexo masculino ou feminino.
- Ser alfabetizado.
- Ter período de convivência com os pais adotivos igual ou maior a 2 anos.
- Concordar formalmente com a participação livre no estudo.

Grupo 2 (G2)

- Integrar o serviço de Triagem Psicológica Específica do Grupo de Apoio a Pais Adotivos da CPA/USC.
- Ter filho na condição adotiva, na faixa etária do estudo.
- Ter período de convivência com o filho adotivo igual ou maior a 2 anos.
- Concordar formalmente com a participação livre no estudo.
- Ser alfabetizado.

Grupo 3 (G3)

- Integrar o serviço de Triagem Psicológica Específica do Grupo de Apoio a Pais Adotivos da CPA/USC.
- Ter filho na condição adotiva, na faixa etária do estudo.
- Ter período de convivência com o filho adotivo igual ou maior a 2 anos.

- Concordar formalmente com a participação livre no estudo.
- Ser alfabetizada.

Nota: Foi desconsiderado o fato de o filho possuir ou não, conhecimento sobre a sua condição de adotivo, já que o estudo não teve esse objetivo.

Instrumento

Foi utilizado como instrumento de avaliação o Inventário de Estilos Parentais – IEP - (GOMIDE, 2006), padronizado e reconhecido para a população brasileira. Ele é composto por 3 (três) protocolos com formas de questionamento semelhantes, contendo 42 afirmações sobre o relacionamento entre pais e filhos, que devem ser respondidas de acordo com a frequência (nunca, às vezes e sempre), categorizadas em 7 práticas educativas, onde duas são referentes às práticas parentais positivas (comportamento pró-social): monitoria positiva e comportamento moral; e, cinco às práticas parentais negativas (comportamento anti-social): negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa. Um dos protocolos se destina aos pais (pai e mãe) para que respondam sobre a sua percepção quanto às práticas parentais utilizadas com seus filhos, e outros dois se destinam a aplicação com a criança, referentes às práticas parentais maternas e paternas. O instrumento de aplicação com os pais visa avaliar a percepção que os pais têm em relação às práticas parentais utilizadas por eles. Já o instrumento de aplicação com o filho visa avaliar a percepção que este tem das práticas utilizadas com ele.

Delineamento da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada a partir da seguinte organização:

- Inicialmente, foi solicitada e obtida a autorização da Clínica de Psicologia Aplicada e Fonoaudiologia para a realização da coleta dos dados (conforme Folha de Rosto do Ministério da Saúde);

- Em seguida, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PRPPG/USC sob nº 137/08.
- Foi enviada uma carta-convite (APÊNDICE 01) aos pais, para participação na pesquisa; foram considerados participantes, as famílias (pai, mãe e filho – adotivo) cujos Termos de Consentimento Pós Informado e autorização da participação das crianças foram devolvidos, devidamente assinados (APÊNDICE 02 e 03);
- Posteriormente, foi feito o agendamento das entrevistas, individualmente, com o pai, mãe e filho, para a aplicação do Inventário de Estilos Parentais; o respondente deveria indicar a frequência com que a figura materna/paterna agia nas situações descritas, mesmo que nunca tivesse ocorrido, utilizando o seguinte critério: *Nunca* se, em 10 ocasiões ela/ele agiu daquela forma de 0 a 2 vezes (pontuação zero); *Às vezes*: se, em 10 ocasiões ele/ela agiu daquela forma de 3 a 7 vezes (pontuação 1); *Sempre*: se, em 10 ocasiões ele/ela agiu daquela forma de 8 a 10 vezes (pontuação 2). Cada prática educativa poderá ter o máximo de 12 pontos. Questões não respondidas terão valor 0 (ANEXO 01).
- Em seguida foi realizado o cálculo do índice de estilo parental, somando-se as práticas positivas (A+B) e as negativas (C+D+E+F+G= iep), seguida da subtração das práticas positivas das negativas. O iep (índice de estilo parental), negativo está relacionado a punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico, que neutralizam ou se sobrepõem às práticas parentais positivas. Quando o iep é positivo indica forte presença de práticas parentais positivas, que se sobrepõem às práticas negativas. O iep poderá variar de -60 (ausência de práticas positivas e presença de negativas) a +24 (ausência de práticas negativas e presença de práticas positivas). A interpretação dos resultados obedecerá aos critérios normativos do instrumento IEP (tabelas de referência) tendo como referência a pontuação percentual obtida e o significado do estilo parental adotado. (Tabela 01)

| Percentuais do IEP | Interpretação dos resultados |
|--------------------|---|
| De 80 a 99 | Estilo Parental ótimo, com presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das práticas negativas. |
| De 55 a 75 | Estilo Parental regular, acima da média, porém aconselha-se a leitura de livros de orientação para pais para aprimoramento das práticas parentais. |
| De 30 a 50 | Estilo Parental regular, porém abaixo da média. Aconselha-se a participação em grupos de treinamento de pais. |
| De 1 a 25 | Estilo Parental de risco. Aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas nas quais possam ser enfocadas as conseqüências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas. |

Tabela 01 - Descrição da classificação dos estilos parentais

- As informações foram organizadas em banco de dados, utilizando-se como suporte o Programa Estatístico SPSS/For Windows 11.5. Foi procedida a análise das variáveis por meio da estatística descritiva, determinando a frequência de respostas emitidas pelos sujeitos. Considerado o nível de significância de 5%.

4- RESULTADOS

Os resultados são apresentados de forma a contemplar os objetivos propostos neste estudo, agrupados por participante e práticas educativas.

Assim, serão apresentados em três categorias: caracterização da amostra, resultados por grupo/práticas e comparação inter-grupos.

4.1. – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Considerando os participantes deste estudo, nesta seção do trabalho serão descritos os dados demográficos referentes aos três grupos de sujeitos, ora denominados de filhos, pais e mães. Quanto ao grupo de filhos a pesquisadora refere-se à idade, gênero e escolaridade. Já quanto às figuras parentais, descreve-se a idade e escolaridade. (ANEXO 2).

| Idade | | | | Escolaridade | | | | |
|---------------|-------|-------|-------|--------------|--------|---------|------|------|
| Filhos | 8-10 | 11-13 | 14-15 | Analf. | E. F.I | E.F. II | E.M. | E.S. |
| N | 7 | 4 | 4 | 0 | 7 | 5 | 3 | 0 |
| | | | | | | | | |
| Pais | 37-46 | 47-56 | 57-63 | Analf. | E.F.I | E.F.II | E.M. | E.S. |
| N | 10 | 2 | 3 | 1 | 1 | 2 | 6 | 5 |
| | | | | | | | | |
| Mães | 34-43 | 44-53 | 54-63 | Analf. | E.F. I | E.F.II | E.M. | E.S. |
| N | 10 | 2 | 3 | 0 | 2 | 1 | 7 | 5 |

Tabela 02 – Descrição da idade e escolaridade dos participantes. (N) representa o número dos participantes; (Analf.) analfabetos; (EF) ensino fundamental; (EM) ensino médio; (ES) ensino superior.

4.2 – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados referem-se às médias percentuais das práticas positivas e negativas, bem como as médias percentuais dos Índices de Estilos Parentais e a comparação das respostas apresentadas nos diferentes grupos de práticas parentais.

Os inventários respondidos pelas crianças mostram a percepção que estas têm em relação às práticas utilizadas por seus pais, estes inventários foram denominados Práticas Parentais Paternas, e Práticas Parentais Maternas. Já os pais responderam o mesmo instrumento denominado Práticas Parentais Maternas e Paternas – Auto Aplicação, onde estes refletem sobre suas percepções das práticas parentais utilizadas com seus filhos.

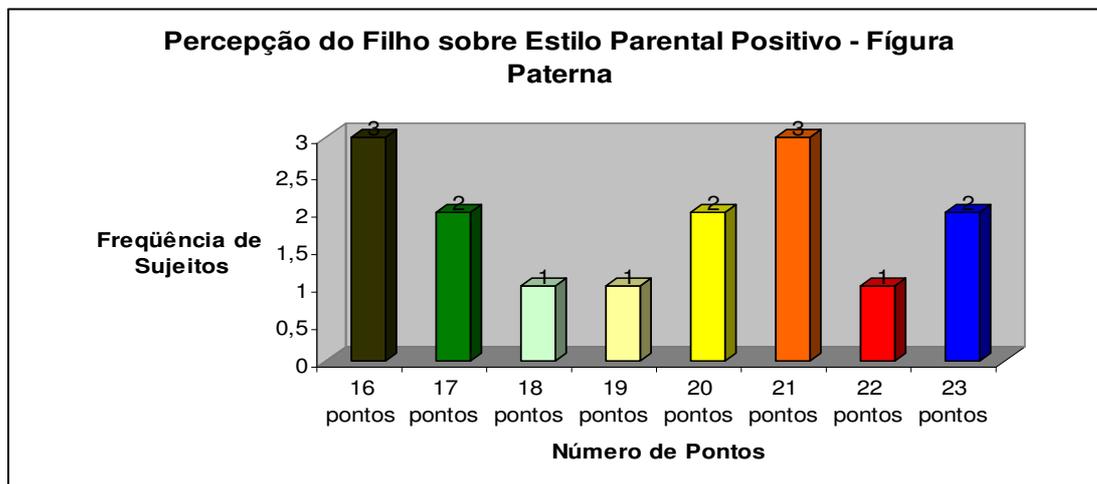


Gráfico 01 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo dos pais sob a perspectiva dos filhos.

Quanto à percepção sobre o estilo parental positivo da figura paterna, a pontuação mínima foi de 16 e a máxima de 23 pontos. Sendo que 3 (20%) sujeitos indicaram 16 pontos, 2 (13,3%) indicaram 17 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 18 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 19 pontos, e 2 (13,3%) sujeitos indicaram 20 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 21 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 22 pontos e 2 (13,3%) sujeitos indicaram 23 pontos.

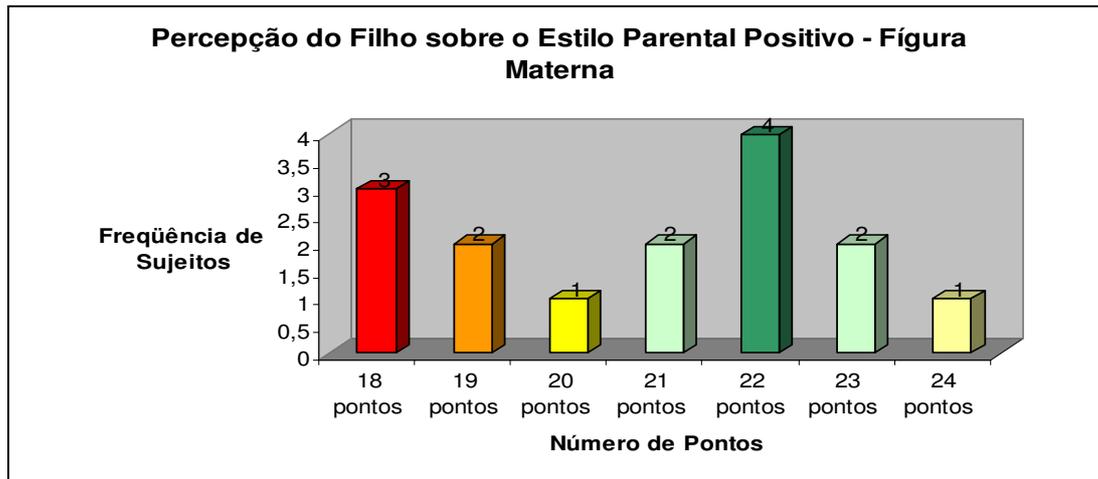


Gráfico 02 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo das mães sob a perspectiva dos filhos.

Quanto à percepção sobre o estilo parental positivo da figura paterna, a pontuação mínima foi de 18 e a máxima de 24 pontos. Sendo que 3 (20%) sujeitos indicaram 18 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 19 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 20 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 21 pontos, 4 (26,7%) sujeitos indicaram 22 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 23 pontos, e 1 sujeito (6,7%) indicou 24 pontos.

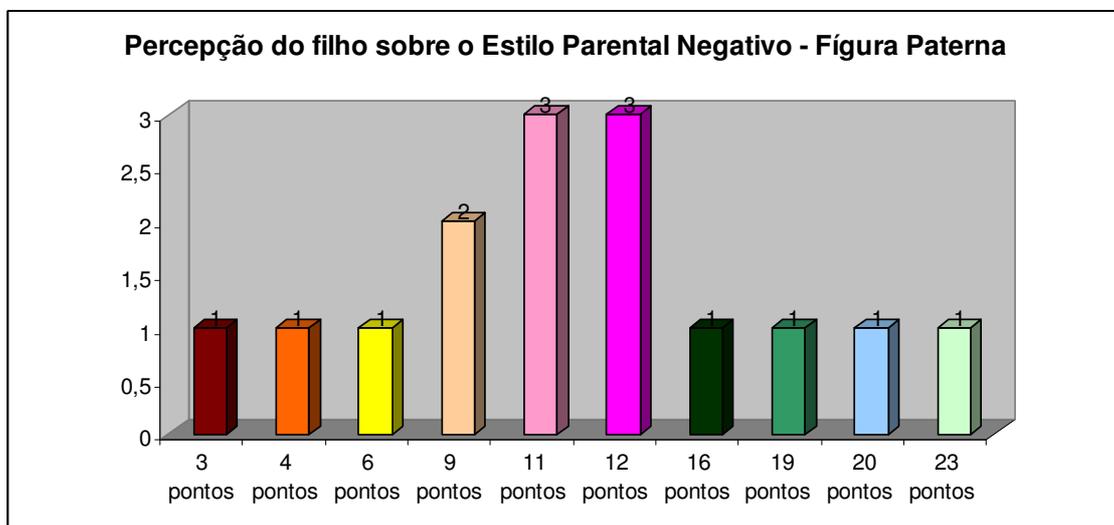


Gráfico 03 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo dos pais na perspectiva dos filhos.

Quanto à percepção sobre o estilo parental negativo da figura paterna, a pontuação mínima foi de 3 e a máxima de 23 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 3 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 4 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 6 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 9 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 11 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram

12 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 16 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 19 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 20 pontos e 1 sujeito (6,7%) indicou 23 pontos.

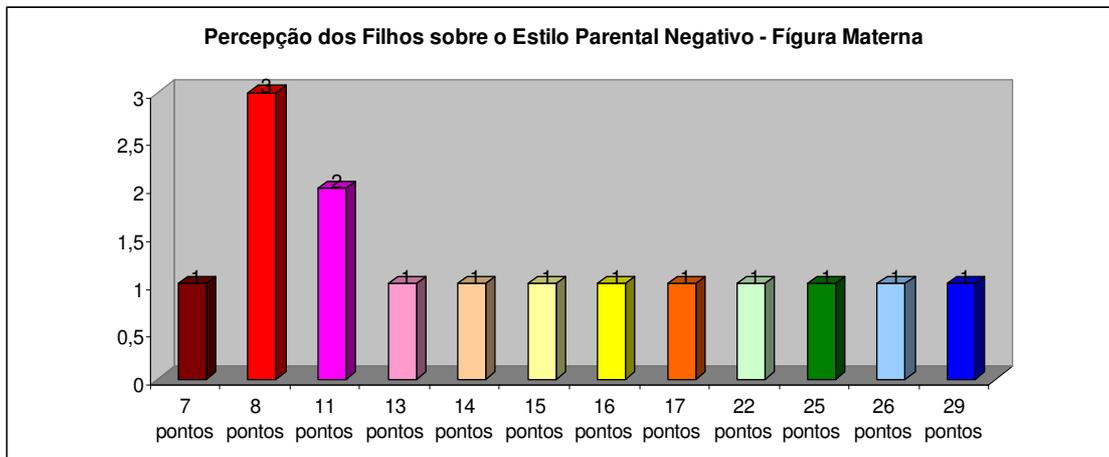


Gráfico 04 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo das mães sob a perspectiva dos filhos.

Quanto à percepção sobre o estilo parental negativo da figura materna, a pontuação mínima foi de 7 e a máxima de 29 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 7 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 8 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 11 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 13 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 14 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 15 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 16 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 17 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 22 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 25 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 26 pontos e 1 (6,7%) sujeito indicou 29 pontos.

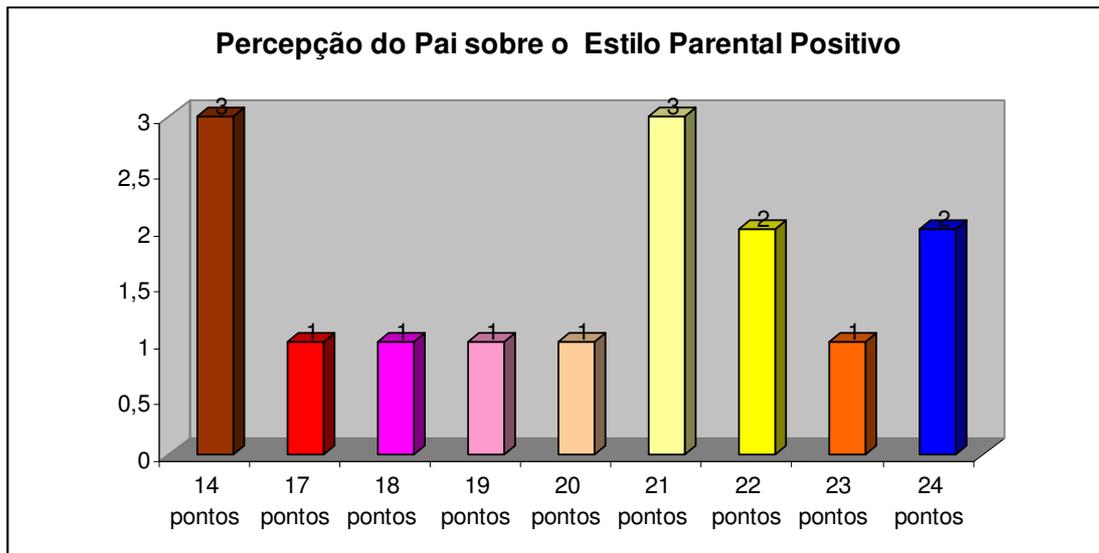


Gráfico 05 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo sob a perspectiva dos pais.

Quanto à percepção do Pai sobre o Estilo Parental Positivo, a pontuação mínima foi de 14 e a máxima de 24 pontos. Sendo que 3 (20%) sujeitos indicaram 14 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 17 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 18 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 19 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 20 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 21 pontos, outros 2 (13,3%) sujeitos indicaram 22 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 23 pontos e 2 (13,3%) sujeitos indicaram 24 pontos.

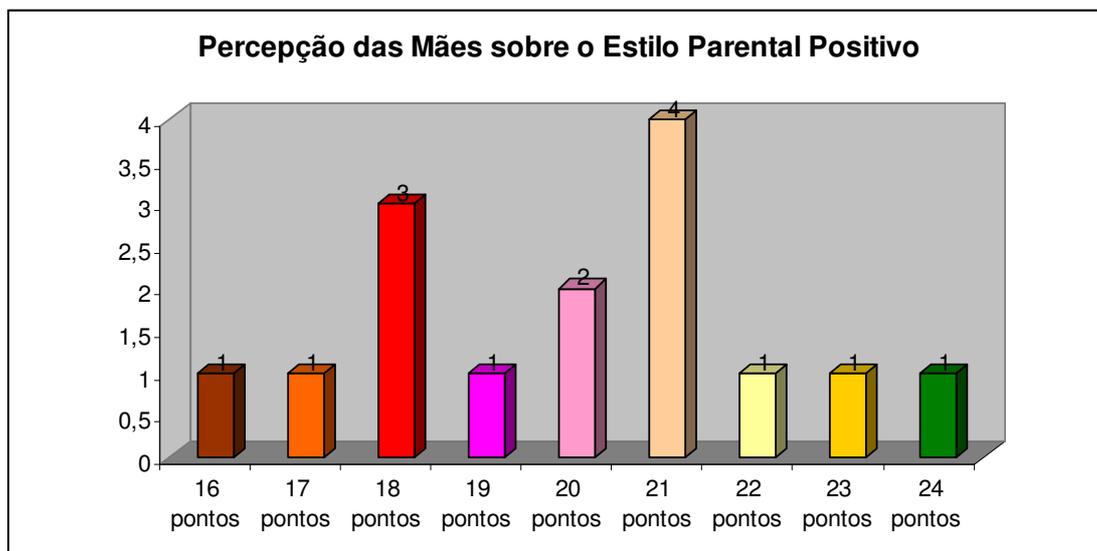


Gráfico 06 – Demonstrativo do Estilo Parental Positivo sob a perspectiva das mães.

Quanto à percepção da Mãe sobre o Estilo Parental Positivo, a pontuação varia entre a mínima de 16 e a máxima de 24 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 16 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 17 pontos, outros 3 (20%) sujeitos indicaram 18 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 19 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 20 pontos, 4 (26,7%) sujeitos indicaram 21 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 22 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 23 pontos, e 1 (6,7%) sujeito indicou 24 pontos.

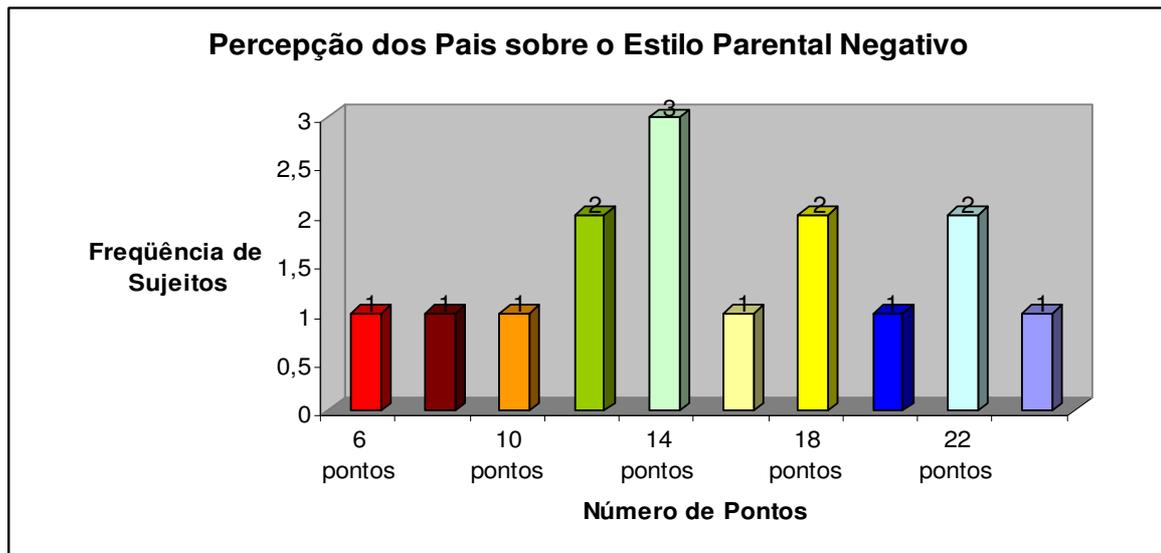


Gráfico 07 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo sob a perspectiva dos pais.

Quanto à percepção do Pai sobre o Estilo Parental Negativo, a pontuação mínima foi de 6 e a máxima de 24 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 6 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 9 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 10 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 13 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 14 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 17 pontos, outros 2 (13,3%) sujeitos indicaram 18 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 20 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 22 pontos e 1 (6,7%) sujeito indicou 24 pontos.

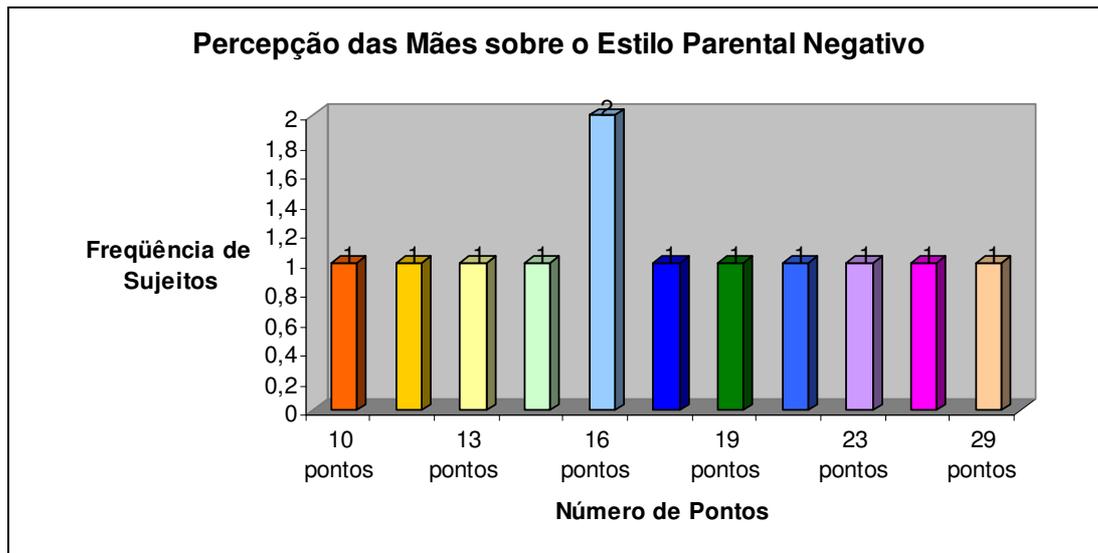


Gráfico 08 – Demonstrativo do Estilo Parental Negativo sob a perspectiva das mães.

Quanto à percepção das Mães sobre o Estilo Parental Negativo, a pontuação mínima foi de 10 e a máxima de 29 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 10 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 12 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 13 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 15 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 16 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 18 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 19 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 21 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 23 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 25 pontos e 1 (6,7%) sujeito indicou 29 pontos.

As tabelas com as descrições da percepção dos filhos, pais e mães sobre o Estilo Parental Positivo e negativo encontram-se nos ANEXOS 5 e 6.

Análise dos índices de estilo parental

Índice de Estilo Parental

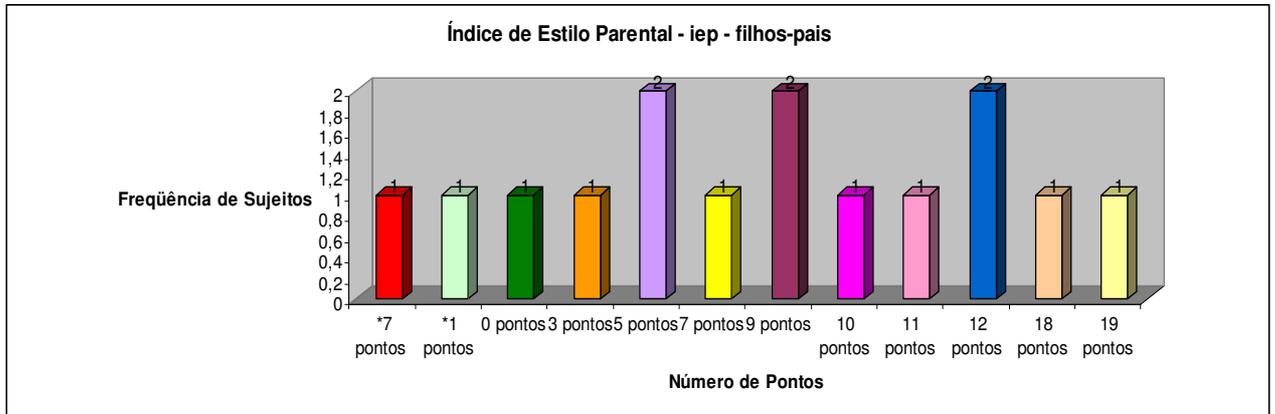


Gráfico 09 – Demonstrativo do iep dos pais sob a ótica dos filhos.

No que diz respeito à pontuação em relação ao índice de estilo parental os filhos indicaram em relação aos seus pais, índices que variam entre -7 pontos e 19 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou -7 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou -1 ponto, outro sujeito (6,7%) indicou 0 ponto, 1 (6,7%) sujeito indicou 3 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 5 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 7 pontos, outros 2 sujeitos (13,3%) indicaram 9 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 10 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 11 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 12 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 18 pontos e outro sujeito (6,7%) indicou 19 pontos.

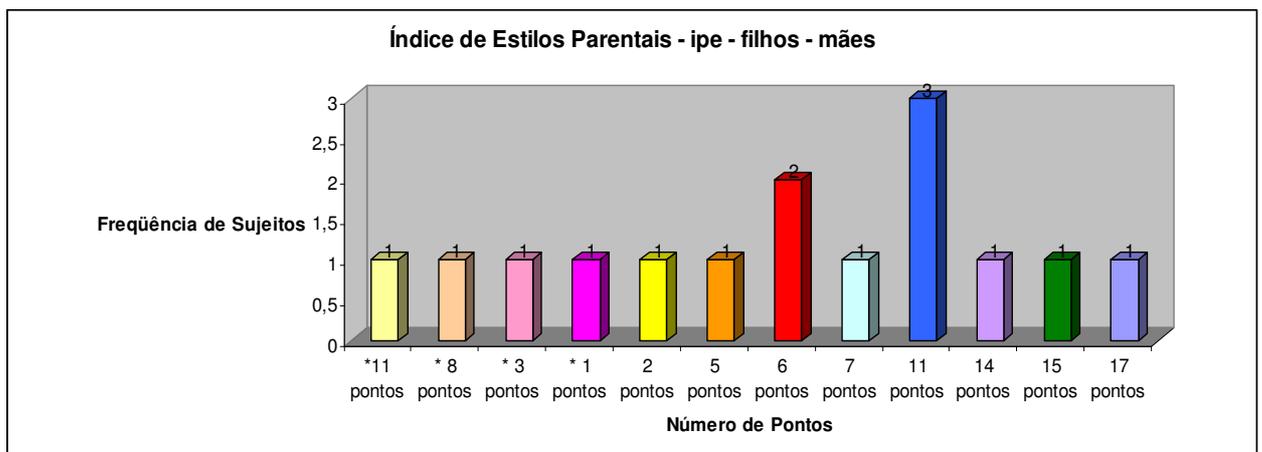


Gráfico 10 – Demonstrativo do iep das mães sob a ótica dos filhos.

No que diz respeito à pontuação em relação ao índice de estilo parental os filhos indicaram em relação aos seus pais, índices que variam entre -11 pontos e 17 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou -11 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou -8 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou -3 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou -1 ponto, 1 (6,7%) sujeito indicou 2 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 5 pontos, outros 2 sujeitos (13,3%) indicaram 6 pontos , 1 sujeito (6,7%) indicou 7 pontos, 3 (20%) indicaram 11 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 14 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 15 pontos e 1 sujeito (6,7%) indicou 17 pontos.

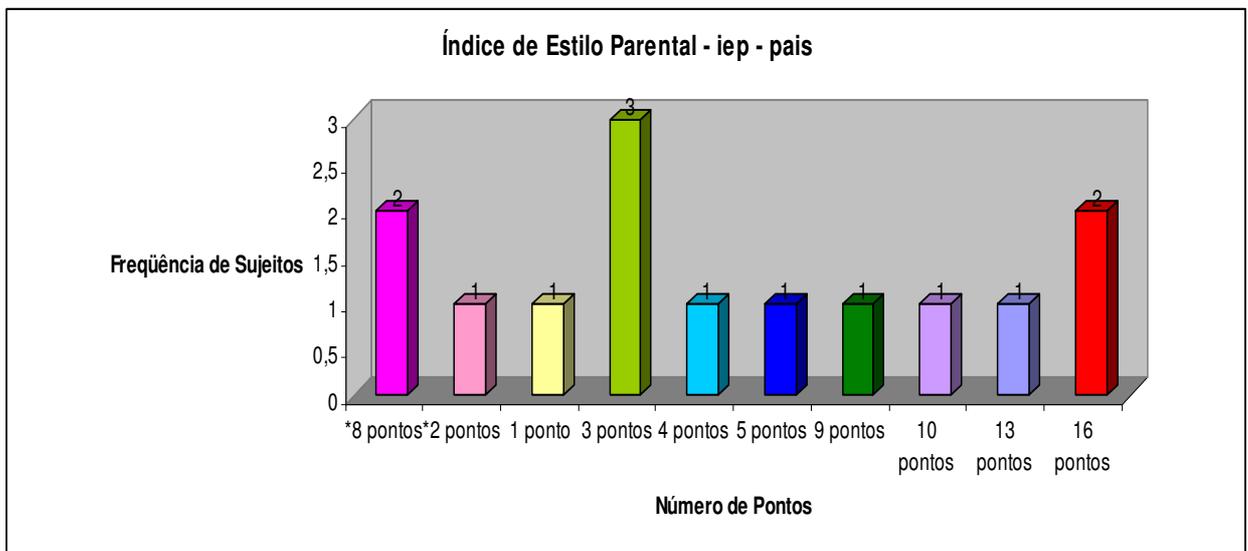


Gráfico 11 – Demonstrativo do iep dos pais.

No que diz respeito à pontuação em relação ao índice de estilo parental os pais apresentavam índices que variam entre -8 pontos e 16 pontos. Sendo que 2 (13,3%) sujeitos indicaram -8 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou -2 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 1 ponto, 3 (20%) sujeitos indicaram 3 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 4 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 5 pontos, 1 sujeito (6,7%) indicou 9 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 10 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 13 pontos e 2 (13,3%) sujeitos indicaram 16 pontos.

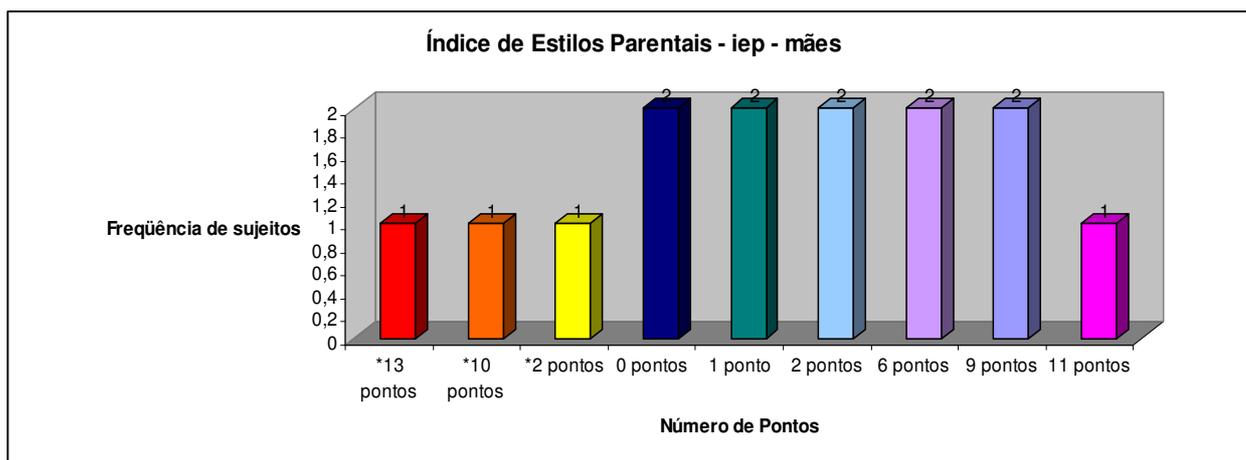


Gráfico 12 – Demonstrativo do iep das mães.

No que diz respeito à pontuação em relação ao índice de estilo parental os pais apresentavam índices que variam entre -13 pontos e 11 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou -13 pontos, 1 (6,7%) indicou -10, 1 (6,7%) indicou -2, 2 (13,3%) indicaram 0 pontos, outros 2 (13,3%) indicaram 1 ponto, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 2 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 6 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 9 pontos e 1 sujeito (6,7%) indicou 11 pontos.

Após a realização do cálculo do índice de estilo parental, onde subtrai-se as práticas positivas das negativas, notou-se que as mães, em sua percepção, apresentam um baixo índice, o que demonstra a existência elevada de práticas negativas. Sugerindo que estas fazem mais utilização de práticas negativas do que na percepção de seus filhos. Ressaltou-se também que neste índice os pais apresentam um auto-conceito de atuação mais reduzido do que na percepção dos filhos. Este fato pode estar ligado à ausência dos pais, deixando que os filhos sintam que estes apresentam poucas práticas negativas

A Tabela 3 apresenta a correlação entre a percepção de filhos, pais e mães em relação ao estilo parental positivo e a Tabela 4 o estilo parental negativo.

| ESTILOS PARENTAIS POSITIVOS | Somatória do estilo positivo apontado pelo filho referente ao pai. | Somatória do estilo positivo apontado pelo filho referente a mãe. | Somatória do estilo parental positivo apontado pelo pai. | Somatório do estilo parental positivo apontado pela mãe. |
|--|---|--|---|---|
| Somatória do estilo positivo apontado pelo filho referente ao pai. | 1 | 0,197 | 0,21 | 0,368 |
| Somatória do estilo positivo apontado pelo filho referente a mãe. | 0,197 | 1 | 0,059 | 0,028 |
| Somatória do estilo parental positivo apontado pelo pai. | 0,21 | 0,059 | 1 | -0,085 |
| Somatória do estilo parental positivo apontado pela mãe | 0,368 | 0,028 | -0,85 | 1 |

Tabela 03 – Demonstrativo da correlação entre os estilos parentais positivos apresentados pelas diferentes categorias.

Considerando que no instrumento aplicado para a coleta de informações, considera-se o fator A (monitoria positiva) e B (Comportamento Moral) como observáveis de estilo parental positivo, constata-se a ausência de correlação entre os dados.

A Tabela 4 apresenta a correlação entre a percepção de filhos, pais e mães em relação ao estilo parental negativo.

| ESTILOS PARENTAIS NEGATIVOS | Somatória do estilo negativo apontado pelo filho referente ao pai. | Somatória do estilo parental negativo apontado pelo filho referente a mãe. | Somatória do estilo parental negativo apontado pelo pai. | Somatório do estilo parental negativo apontado pela mãe. |
|--|---|---|---|---|
| Somatória do estilo negativo apontado pelo filho referente ao pai. | 1 | 0,548(*) | 0,461 | 0,354 |
| Somatória do estilo negativo apontado pelo filho referente a mãe. | 0,548(*) | 1 | 0,552(*) | 0,16 |
| Somatória do estilo parental negativo apontado pelo pai. | 0,461 | 0,552(*) | 1 | 0,637(*) |
| Somatória do estilo parental negativo apontado pela mãe | 0,354 | 0,16 | 0,637(*) | 1 |

Tabela 04 – Demonstrativo da correlação entre os estilos parentais negativos apresentados pelas diferentes categorias.

Quanto aos fatores relativo ao estilo parental negativo, nota-se que há correlação positiva e significativa, no que diz respeito: a) percepção do filho sobre o estilo parental paterno e percepção do filho sobre o estilo parental materna; b) percepção do filho sobre o estilo parental materno e percepção do filho sobre o estilo parental paterno; c) percepção do pai sobre seu estilo parental e a percepção que o filho apresenta sobre a mãe e a avaliação que a mãe faz de seu estilo parental; d) percepção do estilo parental percebido pela mãe está associado a percepção do estilo parental percebido pelo pai.

A Tabela 5 apresenta a correlação o Índice de Estilo Parental – Categoria 1 – apresentado pelos filhos com relação ao pai e à mãe.

| <i>iep (Filho)</i> | <i>iep.filho.pai</i> | <i>iep.filho.mãe</i> |
|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| <i>iep.filho.pai</i> | 1 | 0,404 |
| <i>iep.filho.mãe</i> | 0,404 | 1 |

Tabela 05 – Correlação entre o iep indicado pelos filhos.

Neste estudo não houve associação entre a percepção dos filhos em relação ao estilo parentais quando comparados os iep atribuídos tanto aos pais quanto as mães. Este dado pode justificar os motivos que levaram a autora do instrumento no processo de validação não fazer relação pontuação com o instrumento de auto-relato dos filhos, o que sugere novos estudos sobre as propriedades deste instrumento.

A Tabela 6 apresenta a correlação entre o iep indicado pelo grupo de pais, sobre o estilo parental, categoria 2 e 3 – pai e mãe.

| <i>iep (pai-mãe)</i> | <i>iep.pai</i> | <i>iep.mãe</i> |
|----------------------|----------------|----------------|
| iep.pai | 1 | 0,539(*) |
| iep.mãe | 0,539(*) | 1 |

Tabela 06 – Correlação entre os iep indicados pelos pais e mães.

Quando comparados os índices de estilo parental materno e paterno nota-se uma associação positiva e significativa entre estas variáveis.

A Tabela 7 apresenta a correlação entre o Índice de Estilo Parental indicado pelo grupo de filhos e pais, categoria 01 e 02.

| <i>iep (filhos-pais)</i> | <i>Iep.filho.pai</i> | <i>iep.pai</i> |
|--------------------------|----------------------|----------------|
| iep.filho.pai | 1 | 0,592(*) |
| iep.pai | 0,592(*) | 1 |

Tabela 07 – Correlação entre o iep indicado pelos filhos e pelos pais

No que diz respeito à associação entre a percepção do estilo parental do pai, atribuído por ele e pelo filho, apresenta correlação positiva e significativa.

A Tabela 08 apresenta a correlação entre o iep indicado pelos filhos e pelas mães, categoria 01 e 03.

| <i>iep (filhos-mães)</i> | <i>iep.filho.mãe</i> | <i>iep.mãe</i> |
|--------------------------|----------------------|----------------|
| iep.filho.mãe | 1 | 0,11 |
| iep.mãe | 0,11 | 1 |

Tabela 08 – Correlação entre o iep indicado pelos filhos e pelas mães.

Quanto à percepção do estilo parental materno, apontado tanto pelos filhos quanto pelas mães participantes desta pesquisa apontam que não há grau de associação, demonstrando assim que os dados não estão correlacionados.

Pode-se perceber que os participantes deste estudo apresentam práticas parentais positivas (Grupo A e B) em índice mais elevado, comparadas às negativas. No grupo F (ANEXO 3 e 4) todos os participantes apresentaram nível alto de respostas, ligadas ao estilo parental de Monitoria Negativa. Este tipo de variável possibilitou reações dos pais que demonstraram acreditar tratar-se de prática parental positiva. Desta forma, situações como “*controlo com quem meu filho sai*”, possibilitou expressões do tipo “*eu tenho que controlar mesmo; preciso saber com quem, etc.*”, manifestando até indignação e estranhamento sobre a questão.

Considera-se relevante os comportamentos de pais sobre ter informações de como os filhos em diferentes idade e gêneros vivem no cotidiano, visando orientá-los para condutas adaptativas (ANEXOS 7 e 8). O que leva a considerações negativas é a frequência e a intensidade das abordagens, isto é, o interesse pelo filho não atingir níveis de controle extremado, a ponto de inibir o relacionamento parental.

Os resultados obtidos através do Inventário de Estilos Parentais demonstraram que os pais das crianças adotadas utilizam práticas educativas positivas (A e B), o que contribui para comportamentos socialmente bem ajustados (BAUMRIND; BLACK, 1967), internalização de padrões morais (HART, LADD; BURLESON, 1990; HOFFMAN, 1994), favoráveis ao desenvolvimento da criança (BAUMRIND, 1971; HOFFMAN, 1994).

No entanto, os pais também apresentam práticas educativas negativas (C, D, E, F, G) que são desfavoráveis ao desenvolvimento da criança (BAUMRIND, 1971; HOFFMAN, 1994), podendo gerar comportamentos dependentes, de desobediência.

A inconsistência dos pais no manejo comportamental em relação aos filhos impossibilita parâmetros claros que possam regular o comportamento da criança de acordo com as contingências, uma vez que há tendência a punir e outras a reforçar um mesmo tipo de conduta (TABAQUIM; CIASCA, 2000)

A correlação positiva sobre o estilo parental negativo, Ferreira e Marturano (2002), em seus estudos, verificaram que as práticas educativas negativas estão relacionadas com o aumento de problemas de comportamento, à medida que os pais também aumentam o uso de práticas negativas como o abuso psicológico, físico e

monitoria negativa, tendo-se uma diminuição das práticas positivas, como o comportamento moral e monitoria positiva.

Desta forma, práticas parentais adequadas aliadas a níveis de afeto elevado são favorecedores das condições adaptativas da criança, protegendo-a contra efeitos negativos de ambientes desvantajosos.

5 – CONCLUSÃO

Pode-se concluir, a partir deste estudo, que:

- as famílias adotivas nesta amostra apresentam estilos parentais regulares e de risco, pois utilizam-se de práticas educativas pró-sociais e anti-sociais, sendo estas mais presentes;
- através dos índices de estilos parentais notou-se que tanto as figura parentais maternas quanto paternas, apresentaram nível considerado baixo, comparado com outros estudos.
- comparando-se os índices entre pais, mães e filhos, verificou-se que os pais tem um auto conceito equivalente à percepção dos filhos, no tocante ao estilo parental; a mesma relação feita com as mães, apresentam níveis mais baixos.
- as caracterizações dos estilos parentais indicaram que a amostra deste estudo encontra-se na faixa de *estilo parental regular e de risco*, sugerindo a participação do grupo em programas de treinamento para pais, e, *estilo parental de risco*, indicado a participação de programas de intervenção terapêutica, enfocando-se as conseqüências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

- embora ainda seja insipiente, vislumbra-se uma evolução nos processos de adoção no Brasil. “Filhos de criação” atualmente refere-se a uma minoria, tendo em vista a mudança gradativa da concepção das pessoas, da facilitação legal e principalmente pela adoção de políticas públicas. No entanto, ainda existe um caminho a percorrer até a situação de adoção ter um caráter integrado na sociedade.

- o emprego de terminologias, com sentido muitas vezes afetuosos e até romântico, como “filhos do coração”, podem caracterizar um estilo preconceituoso, implicando em dar uma dimensão mais amorosa ao filho adotivo, negando subjetivamente a origem biológica, e até mesmo como fator de compensação à sua condição de adoção. Por outro lado, esta prática terminológica pode representar que filhos biológicos não são também “do coração”.

- o estudo envolvendo os Estilos Parentais é bastante amplo, necessitando-se assim novas pesquisas que possam auxiliar no desenvolvimento de maiores informações, principalmente envolvendo famílias adotivas. Desta forma, instrumentos de avaliação diversificados possibilitariam o aprimoramento das técnicas científicas, dos constructos e dos métodos de validação, tornando viável uma maior confiabilidade no seu emprego.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, P. Práticas Educativas maternas e problemas de comportamento em pré escolares. **Dissertação de Mestrado**. UFRGS, Rio Grande do Sul, 2000.

AMARANTE, M. C.; CARDOSO, H. F.; SANTOS, T. M. M. **Atendimento grupal como proposta de apoio a pais de crianças adotivas**. Anais do II Simpósio Internacional de Educação. USC – Bauru, 2008.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, v. 37, 1971, p.887-907.

BAUMRIND, D. & BLACK, A.E. Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, v. 38, 1967. p.291-327.

CATANIA, A.C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

COSTA, F. T.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. **Psicologia Reflexão e Crítica**. vol.13 n.3 Porto Alegre, 2000. <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 30/10/2008.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**. vol8. Maringá, 2003. <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 15/04/2008.

DARLING, N. & STEINBERG, L. Parenting style as context: na integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 113, 1993. p.487-496.

DASCANIO, D. Estudo comparativo entre estilos parentais e o desempenho intelectual de crianças com alta e baixa plumbemia. **Dissertação de Mestrado**. Fac. Ciências Unesp Bauru. 2007. 146 f.

DEMAUSE, L. On childrearing modes. **Journal of psychohistory**, v.17 (1), 1989. p.34-41.

DONALDSON, E. B. **Adoptive parente preparation Project**: meeting the mental health and developmental needs of adopted children. <http://www.adoptioninstitute.org>, 2008.

FERREIRA, M.C.T. MARTURANO, E.M. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. V. 15 (1), 2002, p.35-44.

FREIRE, F. (org.) **Abandono e adoção**: contribuições para uma cultura de adoção III. São Paulo: Terra dos Homens, Vicentina, 2001.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de estilos parentais**: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

GRUSEC, J.E. & LYTTON, H. Social development: History. **Theory and research**. NY:Springer-verlag, 1988.

HART, C. H., LADD, GW & BURLESON, BR Expectations of the outcomes of social strategies. Relations with socioeconomic status and internal disciplinary styles. **Child Development**, v. 61, 1990. p.127-137.

HOFFMAN, M.L. Discipline and internalization. **Developmental Psychology**, v.30, 1994, p.26-28.

KOCHANSKA, K. & RADKE, Y. Correspondence between mothers' self-reported and observed child-rearing practices. **Child Development**, v. 60, 1989. p. 56-63.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos**: a linguagem do sentir. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

OLIVEIRA, A. E.; MARIN, A. H.; PIRES, F. B.; FRIZZO, G. B. Estilos parentais autoritário e democrático – recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Vol.15 n.1 Porto Alegre, 2002.

PARPAL, M. & MACCOBY, E.E. Maternal responsivity and subsequent child compliance. **Child Development**, v. 56, 2005, p.1326-1334.

PORTO, M.; CARVALHO, S. **Primeiro Guia de Adoção de Crianças e Adolescentes do Brasil**. Fundação Orsa, 2000.

SCHETTINI, S. S.; ALMEIDA, M. C. L.; DIAS, C. M. S. **Famílias adotivas**: identidade e diferença. **Psicologia em estudo**. v.11 n.2 Maringá maio. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 30/10/2008.

SCHETTINI, S. S. **Filhos por adoção**: um estudo sobre seu processo educativo em famílias com e sem filhos biológicos. Mestrado da Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

SCHETTINI FILHO, L. **Compreendendo os pais adotivos**. Recife: Bagaço, 2005.

TABAQUIM, M.L.M. & CIASCA, S.M. Evaluation of the global development of children with chronic infantile non-progressive encephalopathy. **Ciências Biológicas e da Saúde**, 2000. v.19, n.2.

TABAQUIM, M.L.M. Validação do Exame Neuropsicológico e Análise das Funções Corticais Superiores em crianças do ensino fundamental. **Tese de Pós-Doutorado**. Faculdade de Ciências Médicas. Unicamp. Campinas. 2008. p.313.

TEIXEIRA, M. A. P.; OLIVEIRA, A. M.; WOTTRICH, S. H. Escalas de práticas parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. Rev. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Vol. 19, n.3 Porto Alegre, 2006.

TEIXEIRA, A. C. P. **Adoção**: um estudo das motivações inconscientes. Lorena, SP: Stiliano, 2000.

WEBER, L. N. D. **Laços de ternura**: pesquisas e histórias de adoção. Curitiba: editora Santa Mônica, 1998.

WEBER, L. N. D.; SELIG, G. A.; BERNARDI, M. G.; SALVADOR, A. P. V. Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**. Vol.16 n.35. Ribeirão Preto, 2006. <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 21/03/2008.

WEBER, L. N. D. **O filho por adoção – um manual para crianças**. Curitiba: Juruá, 2004.

WEBER, L. N. D. **Aspectos psicológicos da adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.

WEBER, L. Efeito do comportamento moral dos pais sobre o comportamento moral dos filhos adolescentes. Dissertação de Mestrado. Univer. Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Convite

Estou convidando você e sua família para participar de um estudo envolvendo famílias que tenham filhos adotivos.

Neste estudo estamos pesquisando os Estilos Parentais apresentados pelos pais adotivos.

Mas para tanto não é necessário que seu filho saiba da sua condição de adoção, visto que o inventário aplicado não apresenta questões específicas sobre a adoção.

Para fazer parte desta pesquisa estamos convidando os pais que tenham os filhos na faixa de 8 a 15 anos e um período de convivência igual ou maior que 2 anos, não sendo estipulada nenhuma restrição quanto à faixa etária dos pais.

Os resultados irão permitir compreender os comportamentos da relação pais e filhos e orientar programas terapêuticos que auxiliem famílias com necessidades de melhoria no relacionamento familiar.

E como você e sua família enquadram neste perfil, estamos convidando para entrar em contato com a Clínica de Psicologia da Universidade do Sagrado Coração (**14 – 21077050**) demonstrando o seu interesse em participar deste estudo, para que assim possamos marcar um dia e horário para a aplicação do inventário.

Esta aplicação não é demorada e será realizada em um encontro com a sua participação de seu Filho (a), e esposo (a).

Agradeço sua atenção e colaboração

Marina Colombo Amarante

Estagiária

RG: 44.077.160-2

APÊNDICE 2

| |
|-------------------------------|
| TERMO DE CONSENTIMENTO |
|-------------------------------|

Título do Projeto: Estilos Parentais: um estudo envolvendo pais adotivos

Endereço: Rua Irmã Arminda 10-71, AP. 26, tel: 32144697

Pesquisador responsável: Prof. Dr^a. Maria de Lourdes M. Tabaquim

Discente pesquisadora: Marina Colombo Amarante

Local: Universidade do Sagrado Coração – Bauru - SP

Resumo: O objetivo deste estudo é investigar os Estilos Parentais de pais com filhos adotivos.

Farão parte da pesquisa 45 sujeitos pertencentes à famílias com filhos adotivos. Composto dois grupos: o GI e o GII.

O GI será formado por 15 sujeitos de 8 a 15 anos, ambos os sexos, com período de convivência mínima de 2 anos na família adotiva.

O GII será formado pelos respectivos pais (pai e mãe), independente de faixa etária.

Será utilizado um inventário de Estilos Parentais aplicado à todos os sujeitos. Os resultados serão avaliados e correlacionados na identificação dos estilos comportamentais adotados pelos participantes.

Os resultados irão permitir compreender os comportamentos da relação pais e filhos e orientar programas terapêuticos que auxiliem famílias com necessidades de melhoria no relacionamento familiar

Riscos e Benefícios: Os participantes desta pesquisa não correrão nenhum risco visto que as informações colhidas serão mantidas em sigilo e a pesquisa não envolve nenhuma atividade que possa expor o participante.

Os benefícios desta pesquisa envolvem a ampliação dos conhecimentos que abrangem o tema da adoção.

Custos e Pagamentos: Fica estabelecido que a participação nesta pesquisa é de livre escolha do participante e que não envolverá nenhum custo a este na colaboração com este estudo.

Confidencialidade

Eu....., entendo que, qualquer informação obtida sobre mim, será confidencial. Eu também entendo que meus registros de pesquisa estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. Esclareceram-me que minha identidade não será revelada em nenhuma publicação desta pesquisa; por conseguinte, consinto na publicação para propósitos científicos.

Direito de Desistência

Eu entendo que estou livre para recusar minha participação neste estudo ou para desistir a qualquer momento e que a minha decisão não afetará adversamente meu tratamento na clínica ou causar perda de benefícios para os quais eu poderei ser indicado.

Consentimento Voluntário

Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar deste estudo.

Assinatura do participante responsável:

Data:.....

Eu certifico que expliquei a (o) Sr. (a), acima, a natureza, propósito, benefícios e possíveis riscos associados à sua participação nesta pesquisa, que respondi todas as questões que me foram feitas e testemunhei assinatura acima.

Assinatura do Pesquisador Responsável:.....

Data:.....

APÊNDICE 3

| |
|-------------------------------|
| TERMO DE CONSENTIMENTO |
|-------------------------------|

Título do Projeto: Estilos Parentais: um estudo envolvendo pais adotivos

Endereço: Rua Irmã Arminda 10-71, AP. 26, tel: 32144697

Pesquisador responsável: Prof. Dr^a. Maria de Lourdes M. Tabaquim

Discente pesquisadora: Marina Colombo Amarante

Local: Universidade do Sagrado Coração – Bauru - SP

Resumo: O objetivo deste estudo é investigar os Estilos Parentais de pais com filhos adotivos.

Farão parte da pesquisa 45 sujeitos pertencentes à famílias com filhos adotivos. Compondo dois grupos: o GI e o GII.

O GI será formado por 15 sujeitos de 8 a 15 anos, ambos os sexos, com período de convivência mínima de 2 anos na família adotiva.

O GII será formado pelos respectivos pais (pai e mãe), independente de faixa etária.

Será utilizado um inventário de Estilos Parentais aplicado à todos os sujeitos. Os resultados serão avaliados e correlacionados na identificação dos estilos comportamentais adotados pelos participantes.

Os resultados irão permitir compreender os comportamentos da relação pais e filhos e orientar programas terapêuticos que auxiliem famílias com necessidades de melhoria no relacionamento familiar

Riscos e Benefícios: Os participantes desta pesquisa não correrão nenhum risco visto que as informações colhidas serão mantidas em sigilo e a pesquisa não envolve nenhuma atividade que possa expor o participante.

Os benefícios desta pesquisa envolvem a ampliação dos conhecimentos que abrangem o tema da adoção.

Custos e Pagamentos: Fica estabelecido que a participação nesta pesquisa é de livre escolha do participante e que não envolverá nenhum custo a este na colaboração com este estudo.

Autorização

Eu....., autorizo a participação de meu filho(a)....., nesta pesquisa e confirmo que entendi que qualquer informação obtida sobre meu filho, será confidencial. Eu também entendo que os registros desta pesquisa realizados com meu filho (a) estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. Esclareceram-me que a identidade de meu filho (a) não será revelada em nenhuma publicação desta pesquisa; por conseguinte, consinto na publicação para propósitos científicos.

Direito de Desistência

Eu entendo que estou livre para recusar a participação de meu filho (a) neste estudo ou para desistir a qualquer momento e que esta decisão não afetará adversamente o tratamento dele (a) na clínica ou causar perda de benefícios para os quais eu poderei ser indicado.

Consentimento Voluntário

Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que concordei e autorizo livremente meu filho (a) em participar deste estudo.

Assinatura do participante responsável pela criança:

Data:.....

Eu certifico que expliquei a (o) Sr. (a), acima, a natureza, propósito, benefícios e possíveis riscos associados à participação de seu filho (a) nesta pesquisa, que respondi todas as questões que me foram feitas e testemunhei assinatura acima.

Assinatura do Pesquisador Responsável:.....

Data:.....

ANEXOS

ANEXO 1

Inventário de Estilos Parentais
Práticas parentais maternas e paternas
Auto-aplicação
(Gomide, 2006)*

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como **VOCÊ** educa seu/sua filho (a).

Identificação

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Sexo: Masculino () Feminino ()

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que **VOCÊ** age nas situações relacionadas. Mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o seu possível comportamento naquelas circunstâncias.

Utilize esta legenda:

NUNCA: considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 0 e 2 vezes.

ÀS VEZES: considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 3 e 7 vezes.

SEMPRE: Considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 8 e 10 vezes.

- 1- Quando meu filho (a) sai, ele (a) conta espontaneamente aonde vai.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 2- Ensino meu filho (a) a devolver objetos ou dinheiro que não pertencem a ele (a).
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 3- Quando meu filho (a) faz algo errado, a punição que aplico é mais severa dependendo de meu humor.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 4- Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu filho (a).
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 5- Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço nada.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 6- Critico qualquer coisa que meu filho (a) faça como o quarto estar desarrumado ou de estar com os cabelos despenteados.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 7- Bato com cinta ou outros objetos nele (a).
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 8- Pergunto como foi seu dia na escola e o ouço atentamente.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 9- Se meu filho (a) colar na prova, explico que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a si mesmo (a).
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 10- Quando estou alegre, não me importo com as coisas erradas que meu filho (a) faça.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 11- Meu filho (a) sente dificuldades em contar seus problemas para mim, pois vivo ocupado (a).

- Sempre Às vezes Nunca
- 12- Quando castigo meu filho (a) e ele pede para sair do castigo, após um pouco de insistência, permito que ele saia do castigo.
 Sempre Às vezes Nunca
- 13- Quando meu filho (a) sai, telefono procurando por ele (a) muitas vezes.
 Sempre Às vezes Nunca
- 14- Meu filho (a) tem muito medo de apanhar de mim.
 Sempre Às vezes Nunca
- 15- Quando meu filho (a) está triste ou aborrecido (a), interesso-me em ajudá-lo a resolver o problema.
 Sempre Às vezes Nunca
- 16- Se meu filho (a) estragar alguma coisa de alguém, ensino a contar o que fez e pedir desculpas.
 Sempre Às vezes Nunca
- 17- Castigo- o (a) quando estou nervoso (a); assim que passa a raiva, peço desculpas.
 Sempre Às vezes Nunca
- 18- Meu filho (a) fica sozinho em casa a maior parte do tempo.
 Sempre Às vezes Nunca
- 19- Durante uma briga, meu filho (a) xinga ou grita comigo e, então eu o(a) deixo em paz.
 Sempre Às vezes Nunca
- 20- Controlo com que meu filho (a) fala ou sai.
 Sempre Às vezes Nunca
- 21- Meu filho (a) fica machucado (a) fisicamente quando bato nele (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 22- Mesmo quando estou ocupado (a) ou viajando, telefono para saber como meu filho (a) está.
 Sempre Às vezes Nunca
- 23- Aconselho meu filho (a) a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.
 Sempre Às vezes Nunca
- 24- Quando estou nervoso (a), acabo descontando em meu filho (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 25- Percebo que meu filho (a) sente que não dou atenção a ele (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 26- Quando mando meu filho (a) estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e ele não obedece, eu “deixo prá lá.”
 Sempre Às vezes Nunca
- 27- Especialmente nas horas das refeições, fico dando as “brincas”.
 Sempre Às vezes Nunca
- 28- Meu filho (a) sente ódio de mim quando bato nele (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 29- Após uma festa, quero saber se meu filho (a) se divertiu.
 Sempre Às vezes Nunca
- 30- Converso com meu filho (a) sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.
 Sempre Às vezes Nunca

- 31- Sou mal – humorado com meu filho (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 32- Não sei dizer do que meu filho (a) gosta.
 Sempre Às vezes Nunca
- 33- Aviso que não vou dar um presente para meu filho (a) caso não estude, mas na hora “H”, fico com pena e dou o presente.
 Sempre Às vezes Nunca
- 34- Se meu filho (a) vai a uma festa, somente quero saber se bebeu, se fumou ou se estava com aquele grupo de maus elementos.
 Sempre Às vezes Nunca
- 35- Sou agressivo (a) com meu filho (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 36- Estabeleço regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explico as razões sem brigar.
 Sempre Às vezes Nunca
- 37- Converso sobre o futuro trabalho ou profissão de meu filho (a) mostrando os pontos positivos ou negativos de sua escolha.
 Sempre Às vezes Nunca
- 38- Quando estou mal- humorado (a), não deixo meu filho (a) sair com os amigos.
 Sempre Às vezes Nunca
- 39- Ignoro os problemas de meu filho (a).
 Sempre Às vezes Nunca
- 40- Quando meu filho (a) fica muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, ele (a) percebe que isto me amedronta.
 Sempre Às vezes Nunca
- 41- Se meu filho (a) estiver aborrecido (a), fico insistindo para ele (a) contar o que aconteceu, mesmo que ela (a) não queira contar.
 Sempre Às vezes Nunca
- 42- Sou violento (a) com meu filho (a).
 Sempre Às vezes Nunca

*Gomide, P.I. C. **Inventário de estilos parentais**: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

Inventário de Estilos Parentais
Práticas parentais maternas
(Gomide, 2006)*

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como sua **Mãe** o educa.

Identificação

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Sexo: Masculino () Feminino ()

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que sua **MÃE** age nas situações relacionadas. Mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando qual comportamento ela teria naquela circunstância.

Utilize esta legenda:

NUNCA: considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 0 e 2 vezes.

ÀS VEZES: considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 3 e 7 vezes.

SEMPRE: Considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 8 e 10 vezes.

- 43- Quando saio conto a ela espontaneamente aonde vou.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 44- Ela me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem .
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 45- Quando faço algo errado, a punição de minha mãe é mais severa dependendo de seu humor.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 46- O trabalho de minha mãe atrapalha sua atenção para comigo.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 47- Ela ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 48- Ela critica qualquer coisa que eu faça como o quarto estar desarrumado ou de estar com os cabelos despenteados.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 49- Ela me bate com cinta ou outros objetos.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 50- Ela pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 51- Se eu colar na prova, ela me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo (a).
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 52- Quando ela está alegre, não se importa com as coisas erradas que eu faça.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 53- Sinto dificuldades em contar meus problemas para ela, pois vive ocupada.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 54- Quando ela me castiga, peço para sair do castigo, e, após um pouco de insistência, ela deixa.

Sempre Às vezes Nunca

55- Quando saio, ela telefona me procurando muitas vezes.

Sempre Às vezes Nunca

56- Tenho muito medo de apanhar dela.

Sempre Às vezes Nunca

57- Quando estou triste ou aborrecido (a), ela se interessa em me ajudar a resolver o problema.

Sempre Às vezes Nunca

58- Quando estrago alguma coisa de alguém, ela me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.

Sempre Às vezes Nunca

59- Ela me castiga quando está nervosa; assim que passa a raiva, pede desculpas.

Sempre Às vezes Nunca

60- Fico sozinho (a) em casa a maior parte do tempo.

Sempre Às vezes Nunca

61- Durante uma briga, eu xingo ou grito com ela e, então ela me deixa em paz.

Sempre Às vezes Nunca

62- Ela controla com que eu falo ou saio.

Sempre Às vezes Nunca

63- Fico machucado (a) quando ela me bate.

Sempre Às vezes Nunca

64- Mesmo quando está ocupada ou viajando, me telefona para saber como estou.

Sempre Às vezes Nunca

65- Ela me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.

Sempre Às vezes Nunca

66- Quando ela está nervosa, acaba descontando em mim.

Sempre Às vezes Nunca

67- Sinto que ela não me dá atenção.

Sempre Às vezes Nunca

68- Quando ela me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e eu não obedeço, ela “deixa prá lá.”

Sempre Às vezes Nunca

69- Especialmente nas horas das refeições, ela fica dando as “brincas”.

Sempre Às vezes Nunca

70- Sinto ódio de minha mãe quando ela me bate.

Sempre Às vezes Nunca

71- Após uma festa, ela quer saber se me diverti.

Sempre Às vezes Nunca

72- Ela conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.

Sempre Às vezes Nunca

73- Ela é mal – humorada.

Sempre Às vezes Nunca

74- Ela ignora o que eu gosto.

Sempre Às vezes Nunca

75- Ela avisa que não vai me dar um presente caso não estude, mas na hora “H”, ela fica com pena e dá o presente.

Sempre Às vezes Nunca

76- Se eu vou a uma festa, ela somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus elementos.

Sempre Às vezes Nunca

77- Ela é agressiva comigo.

Sempre Às vezes Nunca

78- Ela estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica suas razões sem brigar.

Sempre Às vezes Nunca

79- Ela conversa sobre meu futuro trabalho mostrando pontos positivos ou negativos da minha escolha.

Sempre Às vezes Nunca

80- O mau humor dela impede que eu saia com os amigos.

Sempre Às vezes Nunca

81- Ela ignora meus problemas

Sempre Às vezes Nunca

82- Quando fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, percebo que isto amedronta minha mãe.

Sempre Às vezes Nunca

83- Quando estou aborrecido (a), ela fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.

Sempre Às vezes Nunca

84- Ela é violenta.

Sempre Às vezes Nunca

*Gomide, P.I. C. **Inventário de estilos parentais**: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

Inventário de Estilos Parentais
Práticas parentais paternas
(Gomide, 2006)*

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como seu **PAI** o educa.

Identificação

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Sexo: Masculino () Feminino ()

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que seu **PAI** age nas situações relacionadas. Mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando qual comportamento ele teria naquela circunstância.

Utilize esta legenda:

NUNCA: considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 0 e 2 vezes.

ÀS VEZES: considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 3 e 7 vezes.

SEMPRE: Considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 8 e 10 vezes.

- 85- Quando saio conto a ele espontaneamente aonde vou.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 86- Ele me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem .
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 87- Quando faço algo errado, a punição de meu pai é mais severa dependendo de seu humor.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 88- O trabalho de meu pai atrapalha sua atenção para comigo.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 89- Ele ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 90- Ele critica qualquer coisa que eu faça como o quarto estar desarrumado ou de estar com os cabelos despenteados.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 91- Ele me bate com cinta ou outros objetos.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 92- Ele pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 93- Se eu colar na prova, ele me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo (a).
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 94- Quando ele está alegre, não se importa com as coisas erradas que eu faça.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 95- Sinto dificuldades em contar meus problemas para ele, pois vive ocupado.
() Sempre () Às vezes () Nunca
- 96- Quando ele me castiga, peço para sair do castigo, e, após um pouco de insistência, ele deixa.
() Sempre () Às vezes () Nunca

- 97- Quando saio, ele telefona e procurando muitas vezes.
 Sempre Às vezes Nunca
- 98- Tenho muito medo de apanhar dele.
 Sempre Às vezes Nunca
- 99- Quando estou triste ou aborrecido (a), ele se interessa em me ajudar a resolver o problema.
 Sempre Às vezes Nunca
- 100- Quando estrago alguma coisa de alguém, ele me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.
 Sempre Às vezes Nunca
- 101- Ele me castiga quando está nervoso; assim que passa a raiva, pede desculpas.
 Sempre Às vezes Nunca
- 102- Fico sozinho (a) em casa a maior parte do tempo.
 Sempre Às vezes Nunca
- 103- Durante uma briga, eu xingo ou grito com ele e, então ele me deixa em paz.
 Sempre Às vezes Nunca
- 104- Ele controla com que eu falo ou saio.
 Sempre Às vezes Nunca
- 105- Fico machucado (a) quando ele me bate.
 Sempre Às vezes Nunca
- 106- Mesmo quando está ocupado ou viajando, me telefona para saber como estou.
 Sempre Às vezes Nunca
- 107- Ele me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.
 Sempre Às vezes Nunca
- 108- Quando ele está nervoso, acaba descontando em mim.
 Sempre Às vezes Nunca
- 109- Sinto que ele não me dá atenção.
 Sempre Às vezes Nunca
- 110- Quando ele me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e eu não obedeco, ele “deixa prá lá.”
 Sempre Às vezes Nunca
- 111- Especialmente nas horas das refeições, ele fica dando as “brincas”.
 Sempre Às vezes Nunca
- 112- Sinto ódio de meu pai quando ele me bate.
 Sempre Às vezes Nunca
- 113- Após uma festa, ele quer saber se me diverti.
 Sempre Às vezes Nunca
- 114- Ele conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.
 Sempre Às vezes Nunca
- 115- Ele é mal – humorado.
 Sempre Às vezes Nunca

- 116- Ele ignora o que eu gosto.
 Sempre Às vezes Nunca
- 117- Ele avisa que não vai me dar um presente caso não estude, mas na hora “H”, ele fica com pena e dá o presente.
 Sempre Às vezes Nunca
- 118- Se eu vou a uma festa, ele somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus elementos.
 Sempre Às vezes Nunca
- 119- Ele é agressivo comigo.
 Sempre Às vezes Nunca
- 120- Ele estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica suas razões sem brigar.
 Sempre Às vezes Nunca
- 121- Ele conversa sobre meu futuro trabalho mostrando pontos positivos ou negativos da minha escolha.
 Sempre Às vezes Nunca
- 122- O mau humor dele impede que eu saia com os amigos.
 Sempre Às vezes Nunca
- 123- Ele ignora meus problemas
 Sempre Às vezes Nunca
- 124- Quando fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, percebo que isto amedronta meu pai.
 Sempre Às vezes Nunca
- 125- Quando estou aborrecido (a), ele fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.
 Sempre Às vezes Nunca
- 126- Ele é violento.
 Sempre Às vezes Nunca

*Gomide, P.I. C. **Inventário de estilos parentais**: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

ANEXO 2

Descrição dos Participantes: categoria 01 – Filhos

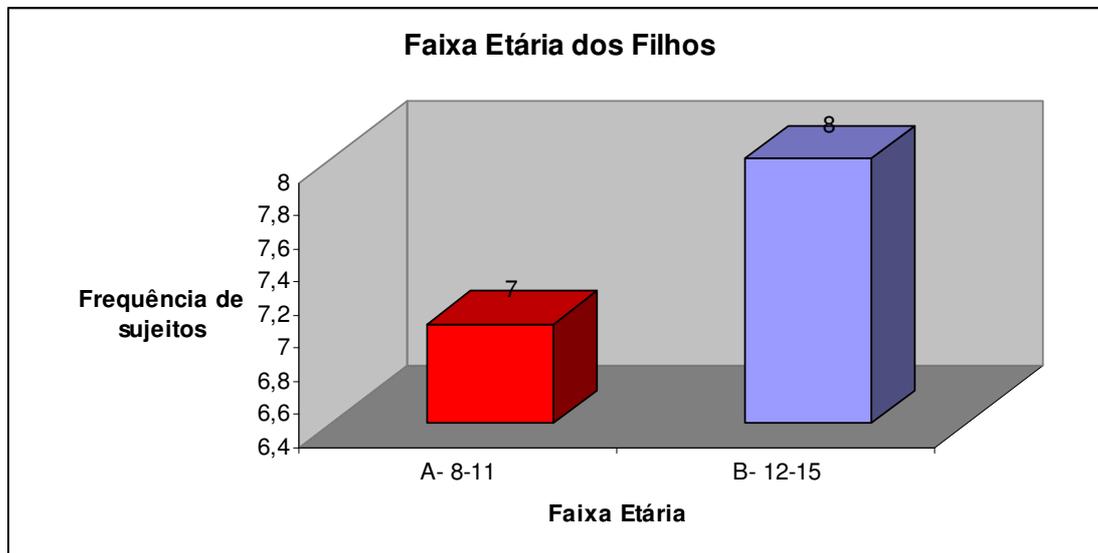


Gráfico 13 – Demonstrativo da faixa etária dos filhos

Entre os quinze participantes deste estudo, 7 (46,7%) encontram-se na faixa etária entre 8-11 anos, para tanto podem ser considerados como crianças. Entretanto 8 (53,3%) encontram-se na adolescência, sendo o critério adotado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ou seja, as pessoas entre 12-18 anos de idade são considerados adolescentes. Outro dado significativo é que a idade mínima dos sujeitos é de 8 anos e a máxima de 15 anos, sendo que a média de idade encontra-se em 11.4 anos.

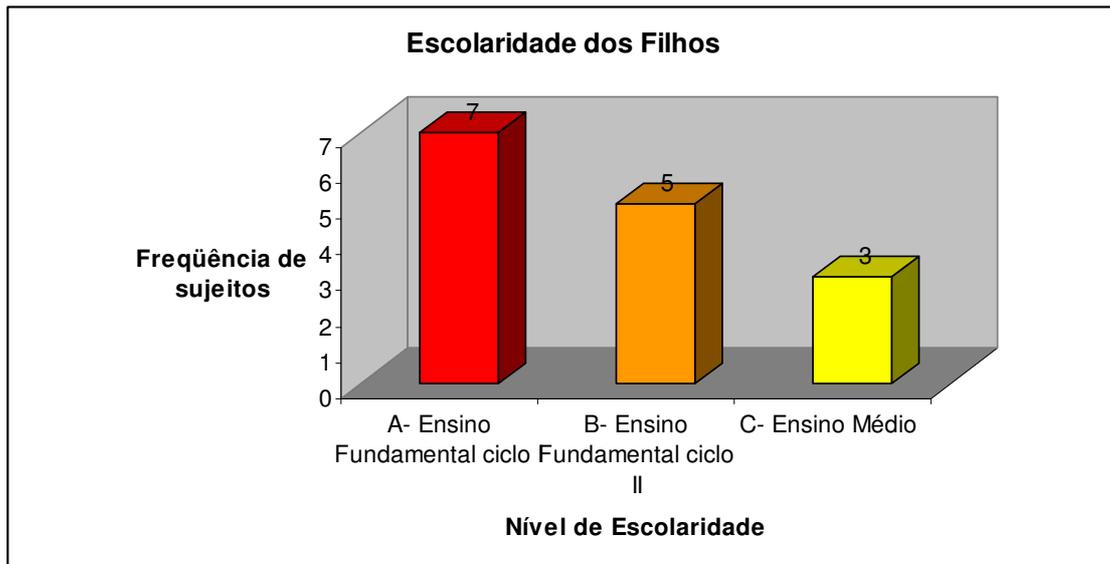


Gráfico 02 – Demonstrativo da Escolaridade dos filhos

No que diz respeito à distribuição dos participantes segundo o grau de escolaridade, observa-se que, 7(46,7%) estão matriculados no primeiro ciclo do ensino fundamental, sendo 5(33,3%) no segundo ciclo do ensino fundamental e 3(20%) no ensino médio.

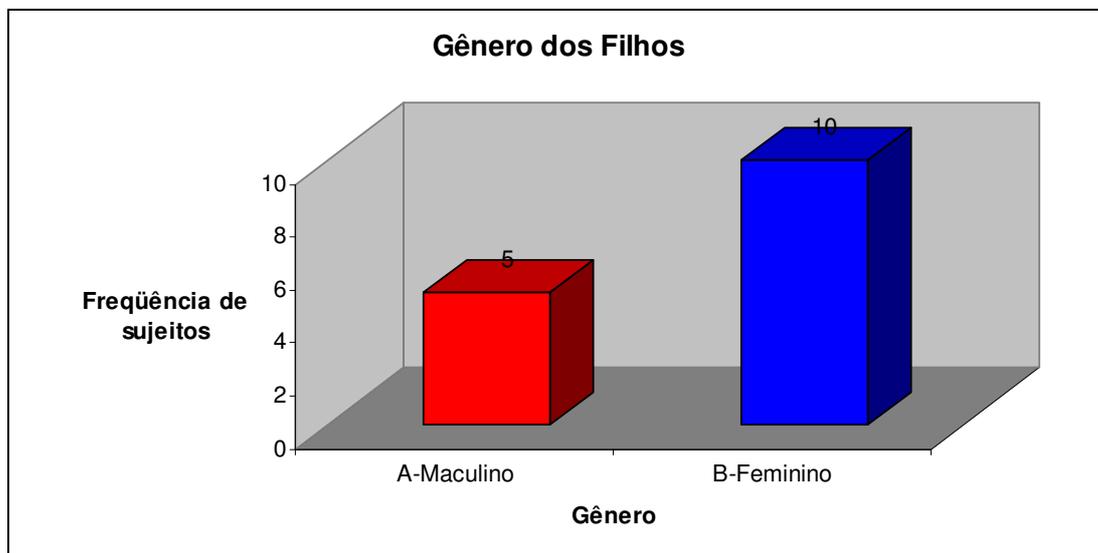


Gráfico 14 – Demonstrativo do gênero dos filhos

Quanto ao gênero, os filhos encontram-se distribuídos da seguinte forma, 5(33,3%) do sexo masculino e 10(66,7%) do sexo feminino. Com esta informação pode-se justificar a não comparação entre grupos utilizando-se o critério gênero.

Descrição dos Participantes: Categoria 02 – Figura Parental do Sexo Masculino

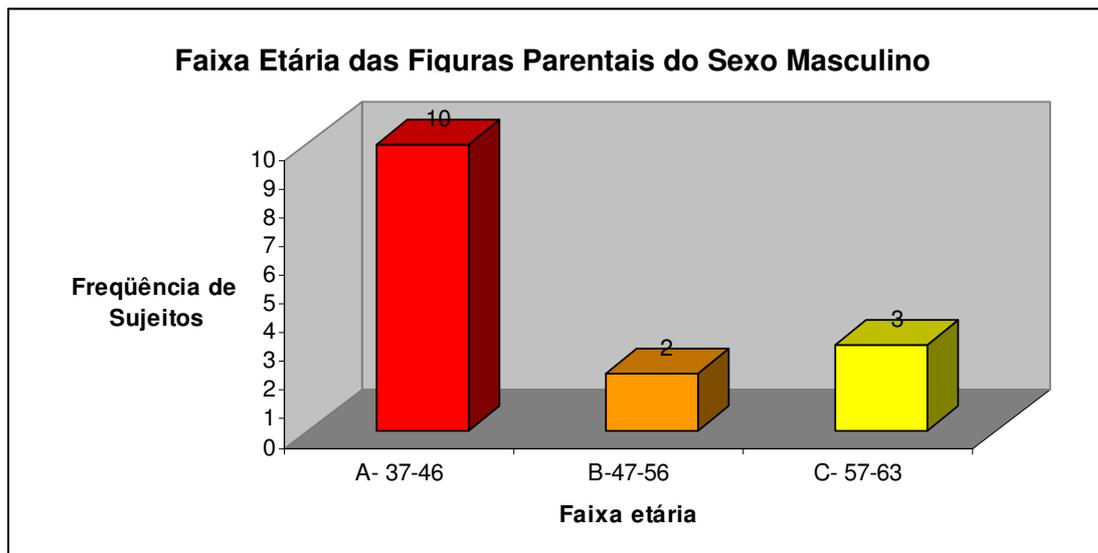


Gráfico 15 – Demonstrativo da faixa etária dos pais

Os dados apontam que 10(67,6%) encontram-se entre 37-46 anos, sendo que 2(13,3%) encontram-se entre 47-56 anos e 3(20%) entre 57-63 anos.

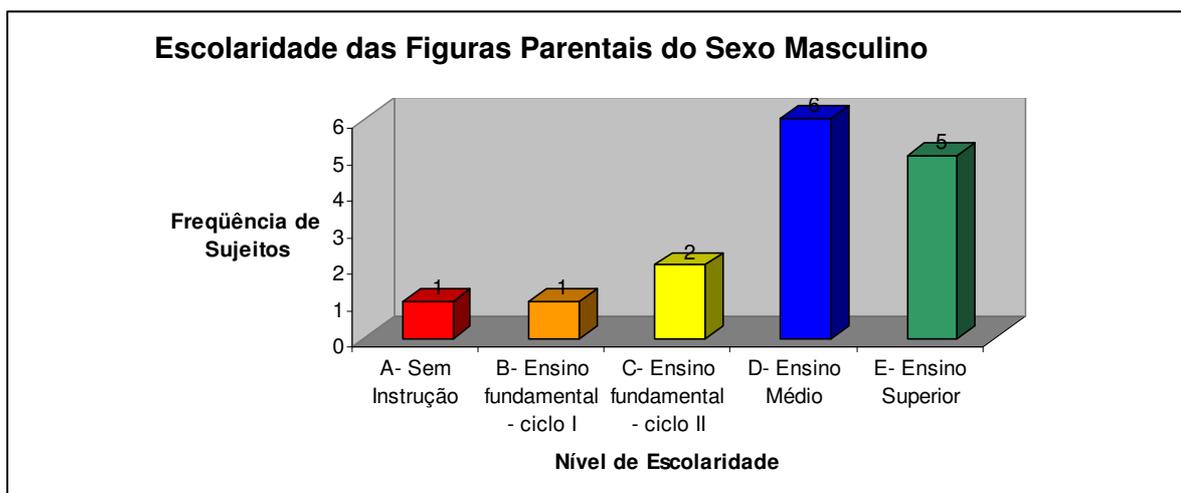


Gráfico 16 – Demonstrativo da escolaridade dos pais

Em referência ao nível de escolaridade da figura paterna, 1(6,7%) intitulam-se sem instrução, 1(6,7%) cursaram o primeiro ciclo do ensino fundamental, 2(13,3%) cursaram o segundo ciclo do ensino fundamental, 6(40%) ensino médio e 5(33,3%) ensino superior.

Descrição dos Participantes: Categoria 03 – Figuras Parentais do Sexo Feminino

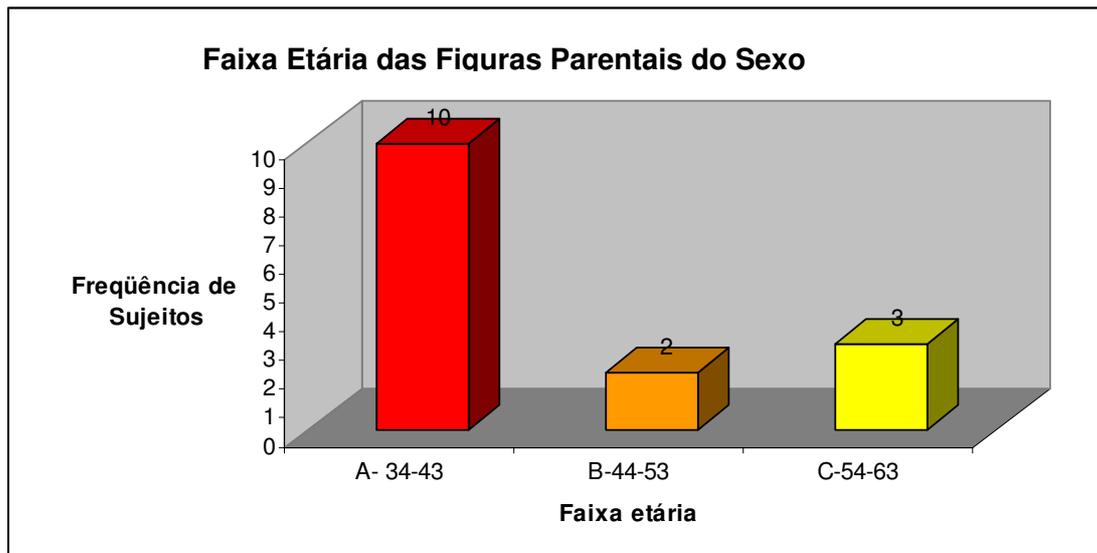


Gráfico 17 – Demonstrativo da faixa etária das mães

Quanto à distribuição das figuras parentais do sexo feminino em relação à faixa etária, os dados apontaram que: 10(66,7%) encontram-se entre 34-43 anos, 2(13,3%) entre 44 -53 anos e 3(20%) entre 54-63 anos.

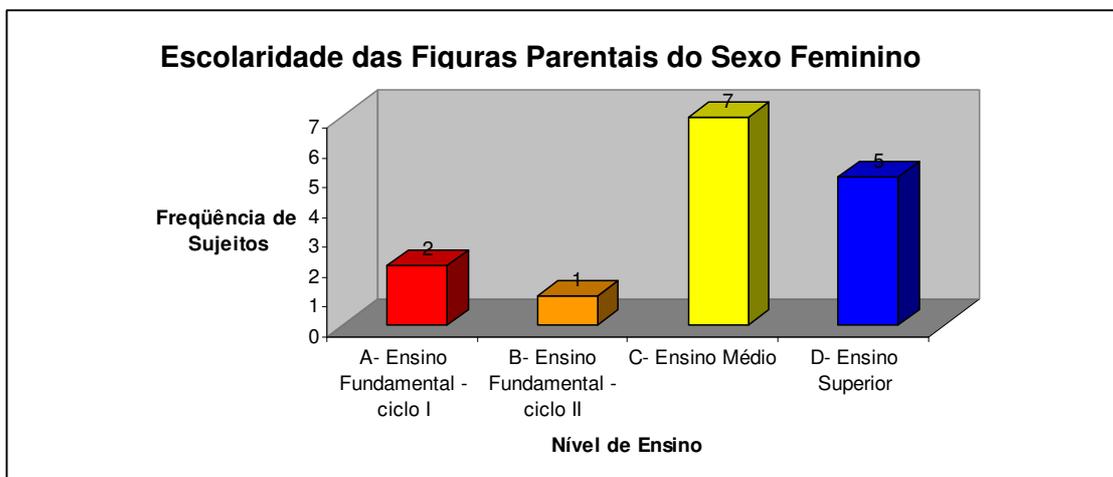


Gráfico 18 – Demonstrativo da Escolaridade das mães

Quanto a distribuição de frequência das figuras parentais do sexo feminino em relação ao nível de escolaridade, 2(13,3%) cursaram o primeiro ciclo do ensino fundamental, 1(6,7%) segundo ciclo do ensino fundamental, 7(46,7%) ensino médio e 5(33,3%) ensino superior.

Percepção dos Filhos em Relação aos Estilos Parentais da Figura
Paterna e Materna

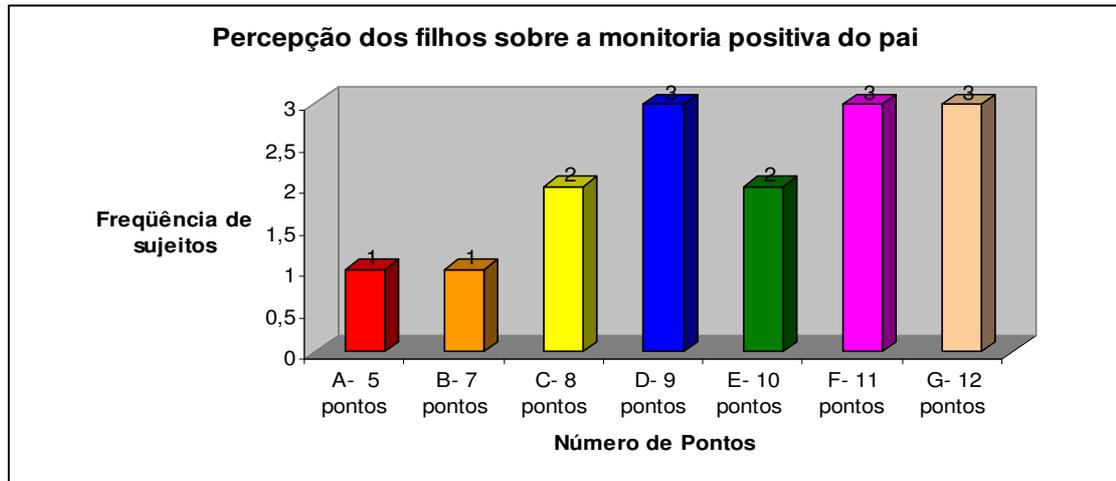


Gráfico 19 – Demonstrativo da percepção do filho sobre a Monitoria positiva do pai.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 5 pontos e máxima de 12 pontos quanto à monitoria positiva do pai. Sendo que 1 sujeito (6,7%) apresentou pontuação de 5 pontos, 1 (6,7%) apresentou 7 pontos, 2 (13,3%) indicaram 8 pontos, 9 pontos foram apresentados por 3 (20%) dos sujeitos, 10 pontos foram apresentados por 2 (13,3%), 11 pontos foram apresentados por 3 (20%) dos sujeitos e 12 pontos foram apresentados por 3 (20%) dos sujeitos.

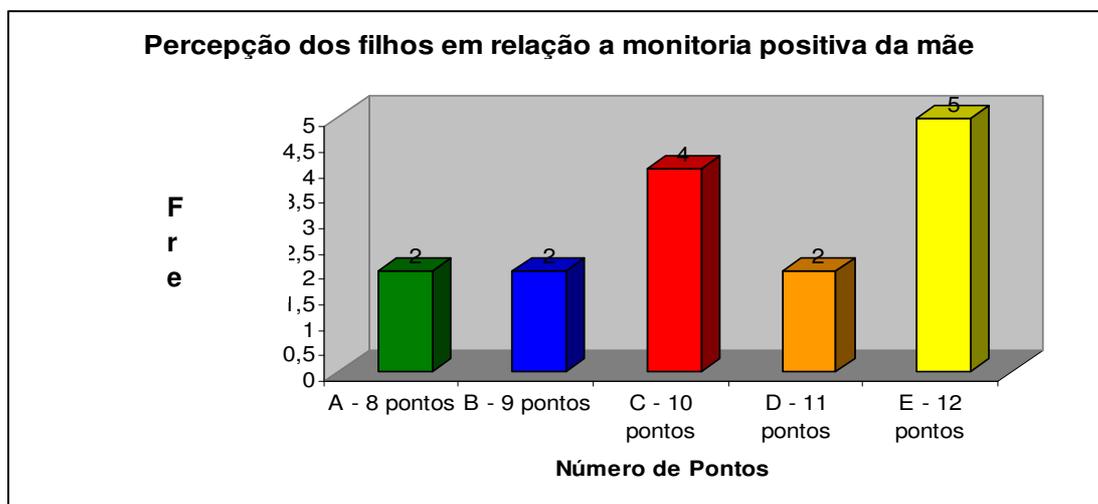


Gráfico 20 – Demonstrativo da percepção dos filhos em relação a Monitoria positiva da mãe.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 8 pontos e máxima de 12 pontos quanto à monitoria positiva da mãe. Nota-se que 2 (13,3%) dos sujeitos pesquisados apresentaram pontuação 8, outros 2 sujeitos (13,3%) indicaram 9 pontos, 4 (26,7%) sujeitos indicaram 10 pontos, 2 (13,3%) sujeitos apresentaram 11 pontos e 5 (33,3%) apresentaram 12 pontos, no que se refere a monitoria positiva da figura parental feminina.

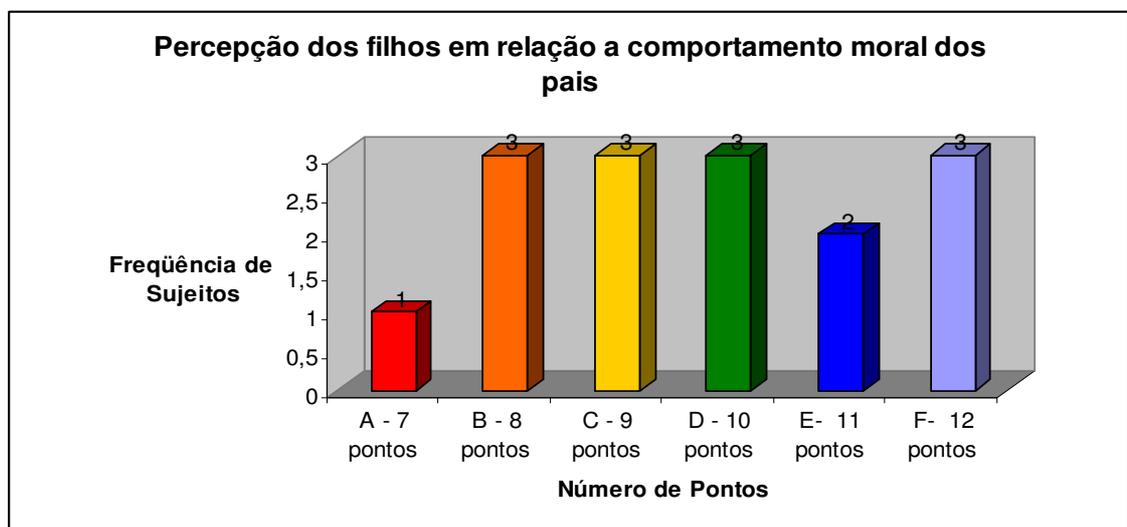


Gráfico 21 – Demonstrativo da percepção dos filhos em relação ao Comportamento moral dos pais.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 7 e máxima de 12 pontos sendo que 1 (6,7%) dos sujeitos apresentou 7 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 8 pontos, outros 3 (20%) dos sujeitos indicaram 9 pontos, outros 3 (20%) dos sujeitos indicaram 10 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos apresentaram 11 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 12 pontos no que se refere à percepção dos filhos sobre o comportamento moral dos pais.

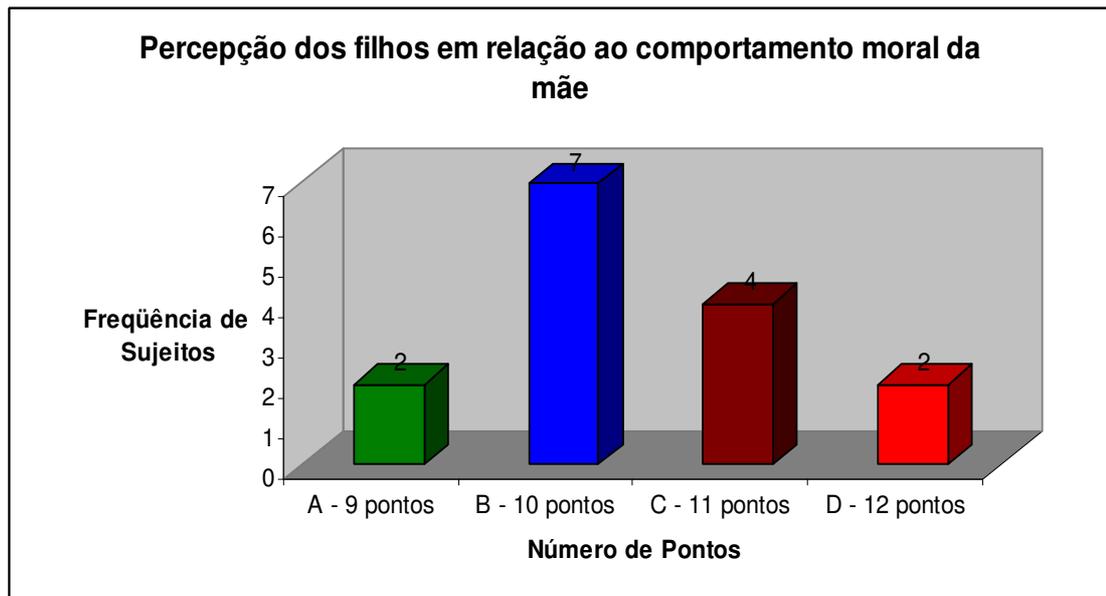


Gráfico 22 – Demonstrativo da percepção dos filhos em relação ao Comportamento moral das Mães.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 9 e máxima de 12 pontos, sendo que 2 (13,3 %) dos sujeitos indicaram 9 pontos, 10 pontos foram apresentados por 7 (46,7%) sujeitos, 4 pontos foram apresentados por 4 (26,7%) dos sujeitos, 2 (13,3%) dos sujeitos apresentaram 12 pontos no que se refere a percepção dos filho sobre o comportamento moral da mãe.

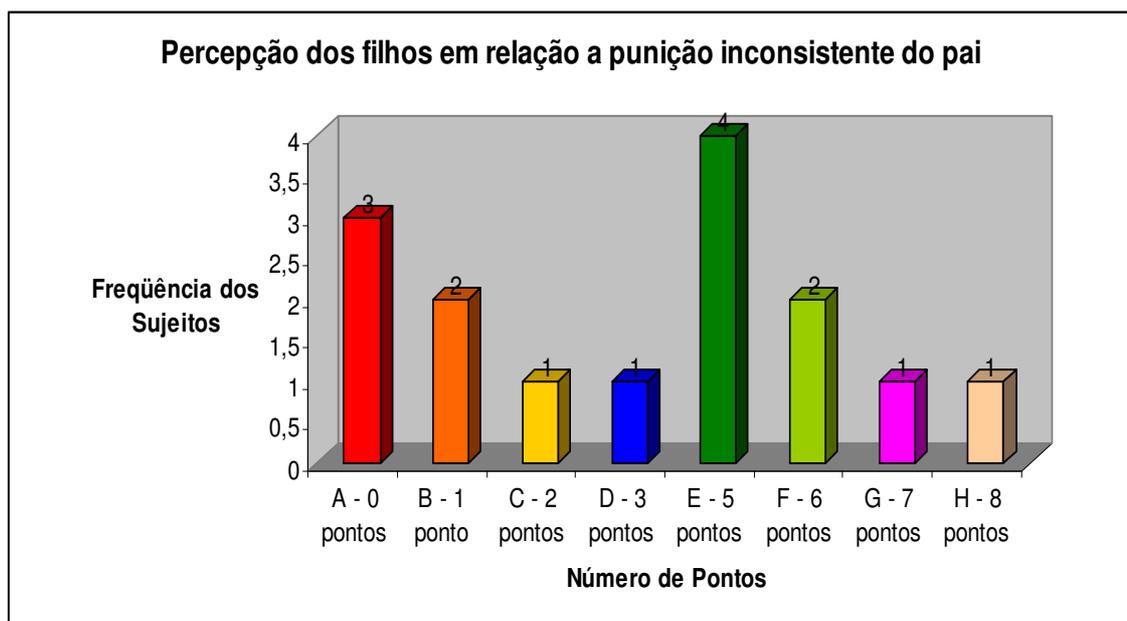


Gráfico 23 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre a Punição inconsistente dos pais.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 8 pontos, sendo que 3 (20%) dos sujeitos indicaram 0 pontos, 2 (13,3%) indicaram 1 ponto, 1 (6,7%) sujeito indicou 2 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 3 pontos, 4 (26,7%) sujeitos indicaram 5 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 6 pontos, 1 (6,7%) indicaram 7 pontos, outro sujeito (6,7%) apresentou 8 pontos no que se refere a percepção do filho em relação sobre a punição inconsistente do pai.

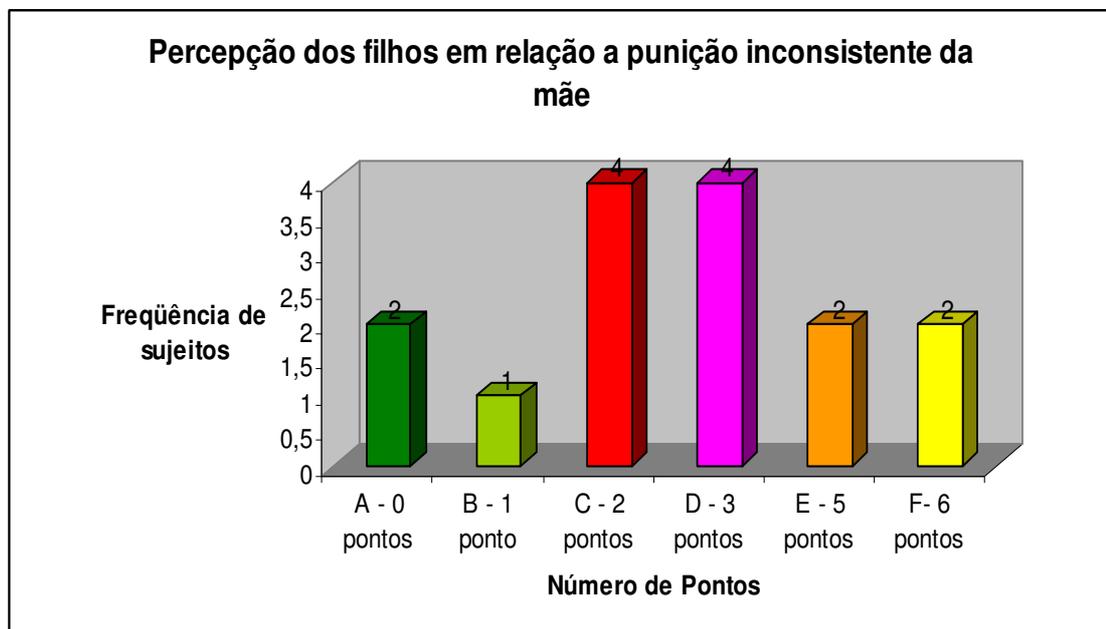


Gráfico 24 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre a Punição Inconsistente das mães.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 6 pontos, sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 1 (6,7%) dos sujeitos apresentou 1 ponto, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, outros 4 (26,7%) sujeitos indicaram 3 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 5 pontos, e outros 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 6 pontos quanto à percepção dos mesmos em relação à punição inconsistente da mãe.

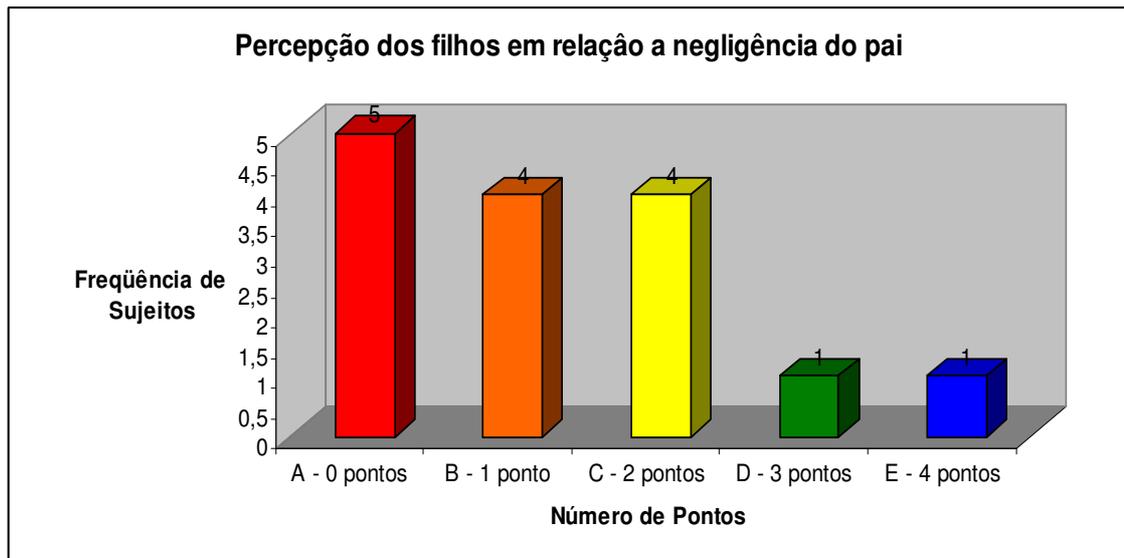


Gráfico 25 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre a Negligência dos pais.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 4 pontos, sendo que 5 (33,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, outros 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos apresentou 3 pontos e outro sujeito (6,7%) apresentou 4 pontos, quanto à percepção dos mesmos em relação à negligência do pai.

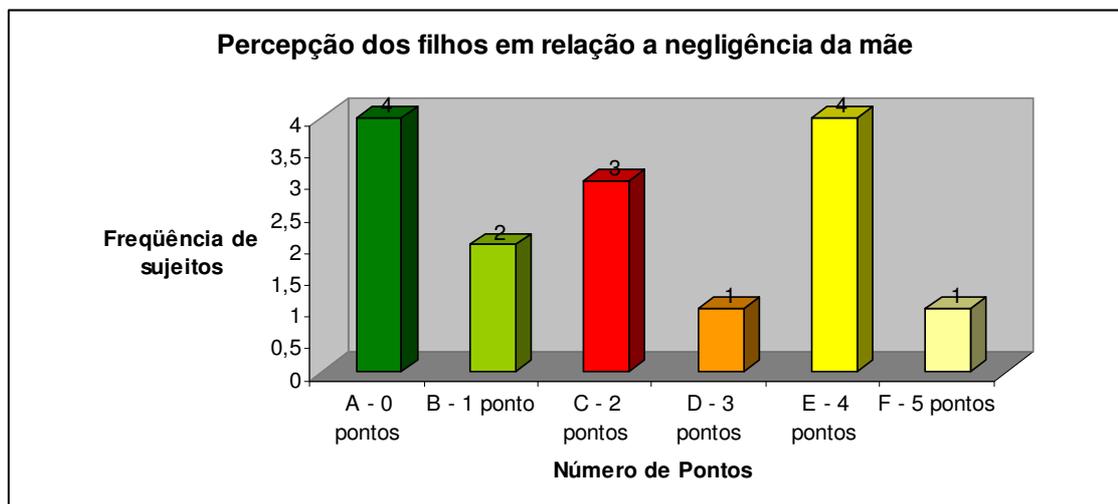


Gráfico 26 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre a negligência das mães.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 5 pontos, sendo que 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 2 (6,7%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicaram 3 pontos, 4

(26,7%) dos sujeitos indicaram 4 pontos e 1 (6,7%) dos sujeitos indicaram 5 pontos no que se refere à percepção dos mesmos em relação a negligência da mãe.

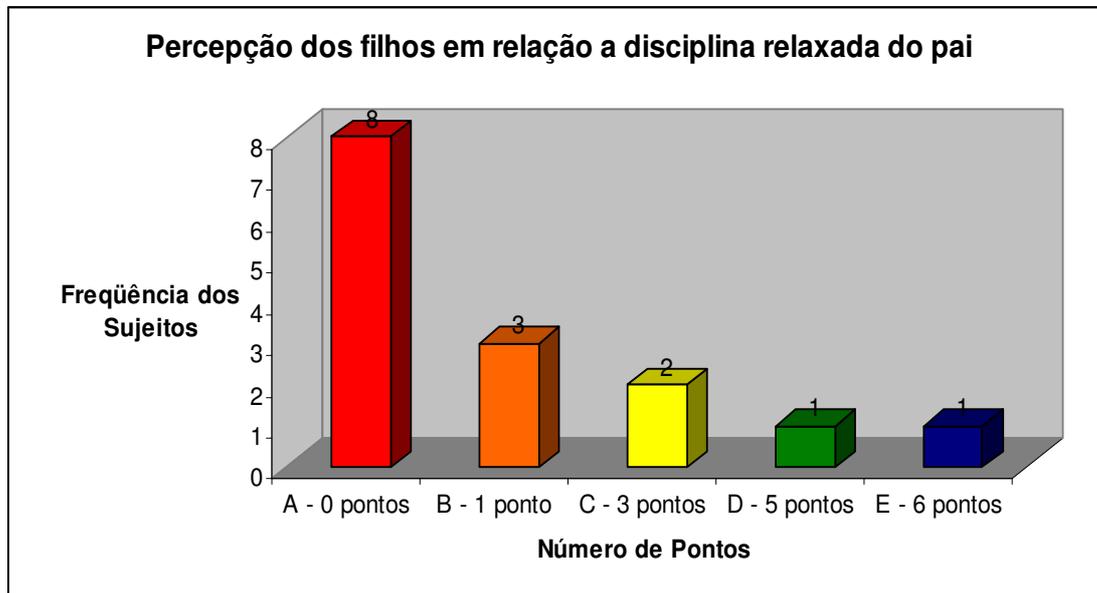


Gráfico 27 – Demonstrativo da percepção dos filhos em relação a Disciplina relaxada dos pais.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 6 pontos, sendo que 8 (53,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 5 pontos e outro sujeito (6,7%) indicou 6 pontos, no que se refere à percepção dos mesmos em relação à disciplina relaxada do pai.

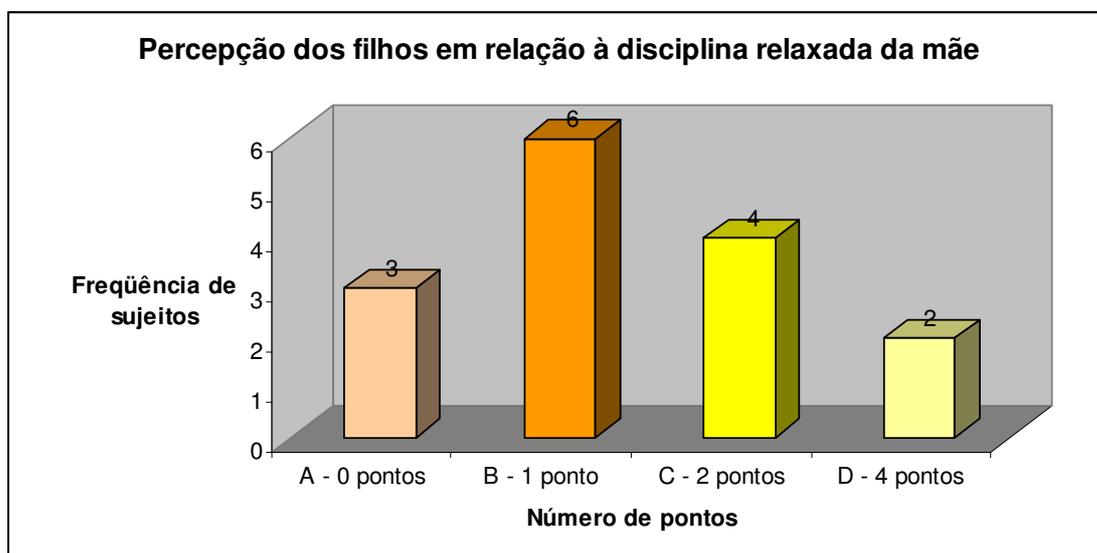


Gráfico 28 – Demonstrativo da percepção dos filhos em relação a Disciplina relaxada das mães.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 3 e máxima de 4 pontos, sendo que 3 (20%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 6 (40%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 2 pontos e 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, no que se refere à percepção dos mesmos em relação à disciplina relaxada da mãe.

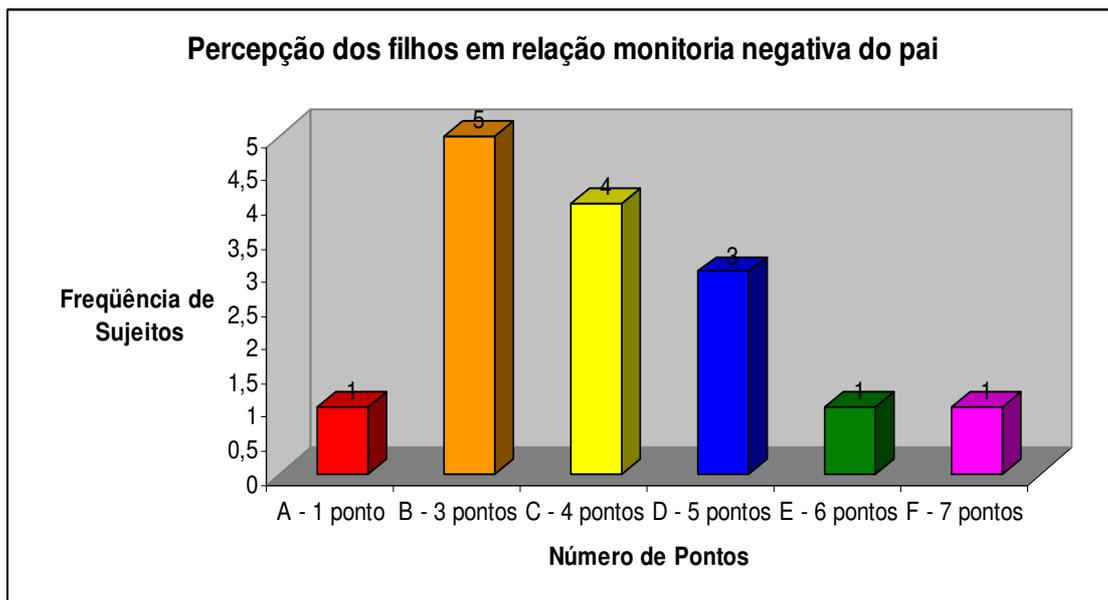


Gráfico 29 – Demonstrativo da percepção dos filhos em relação a Monitoria negativa dos pais.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 1 e máxima de 7 pontos, sendo que 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 1 ponto, 5 (33,3%) dos sujeitos indicaram 3 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 5 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 6 pontos e outro sujeito (6,7%) indicou 7 pontos, no que se refere à percepção dos mesmos em relação à monitoria negativa do pai.

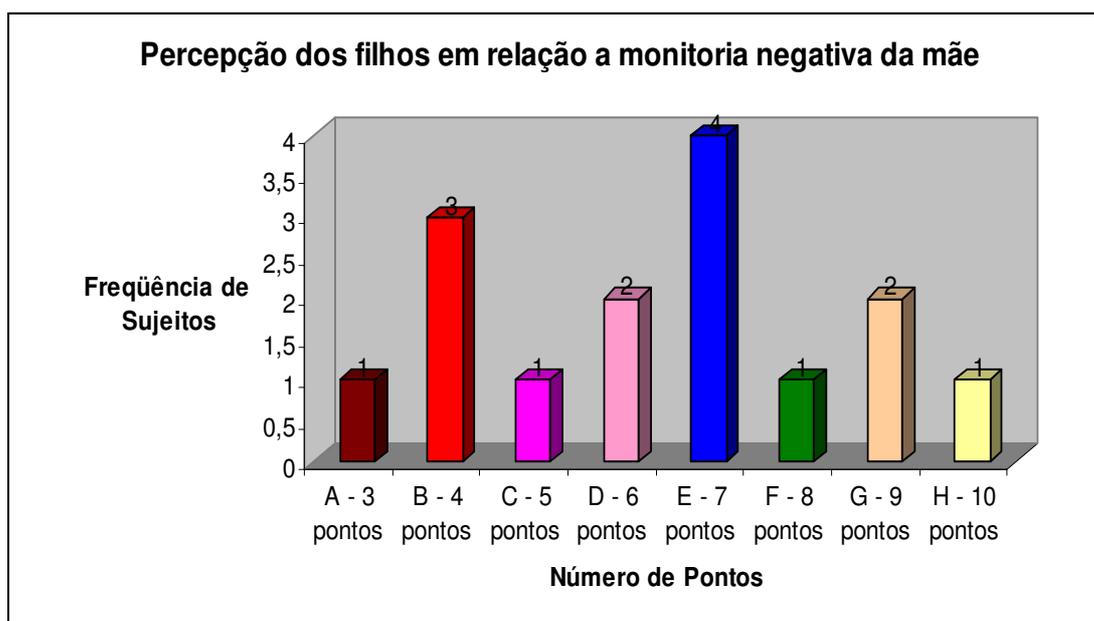


Gráfico 30 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre a Monitoria negativa das mães.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 3 e máxima de 10 pontos, sendo que 1 (6,7%) indicou 3 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 5 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 6 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos, indicaram 7 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 8 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos, indicaram 9 pontos e 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 10 pontos, referentes à percepção dos mesmos em relação à monitoria negativa da mãe.

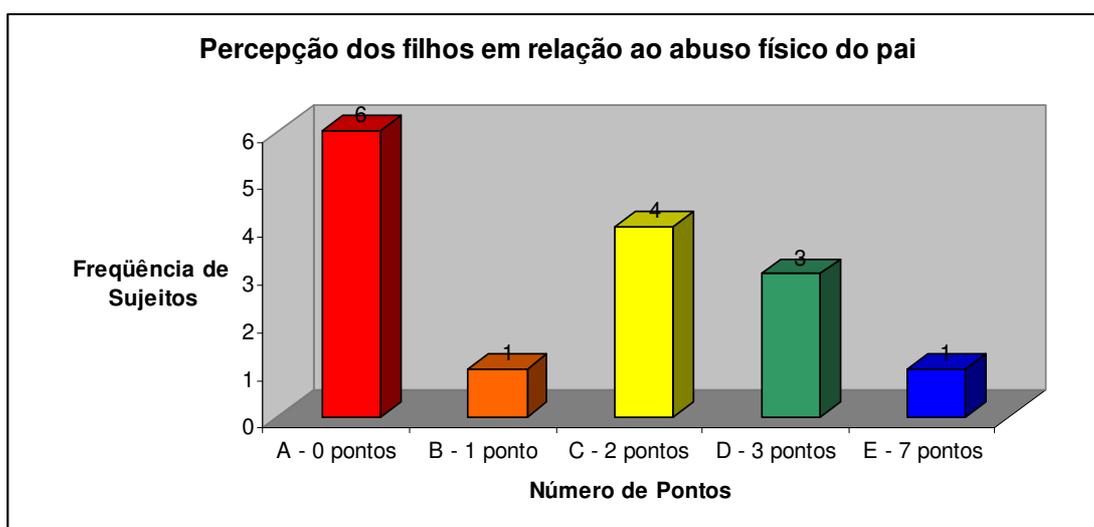


Gráfico 31 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre o Abuso físico dos pais.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 7 pontos, sendo que 6 (40%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 1 (6,7%) indicou 1 ponto, 4 (26,7%) indicaram 2 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 3 pontos e 1 (6,7%) dos sujeitos apresentou 7 pontos, referentes à percepção dos mesmos em relação ao abuso físico do pai.

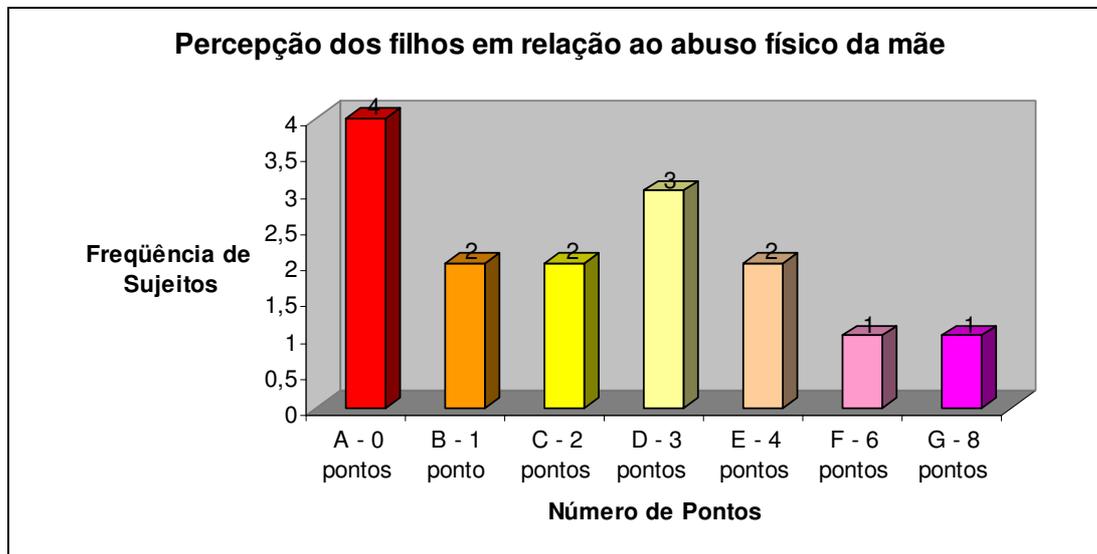


Gráfico 32 – Demonstrativo da percepção dos filhos sobre o Abuso físico das mães.

Os filhos indicaram uma pontuação mínima de 0 e máxima de 8 pontos, 4 (26,7%) indicaram 0 ponto, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, outros 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 3 pontos, 2 sujeitos (13,3%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 6 pontos e 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 8 pontos, no que se refere à percepção dos mesmos em relação ao abuso físico do pai.

Percepções das Figuras Materna e Paterna sobre o seu Estilo Parental

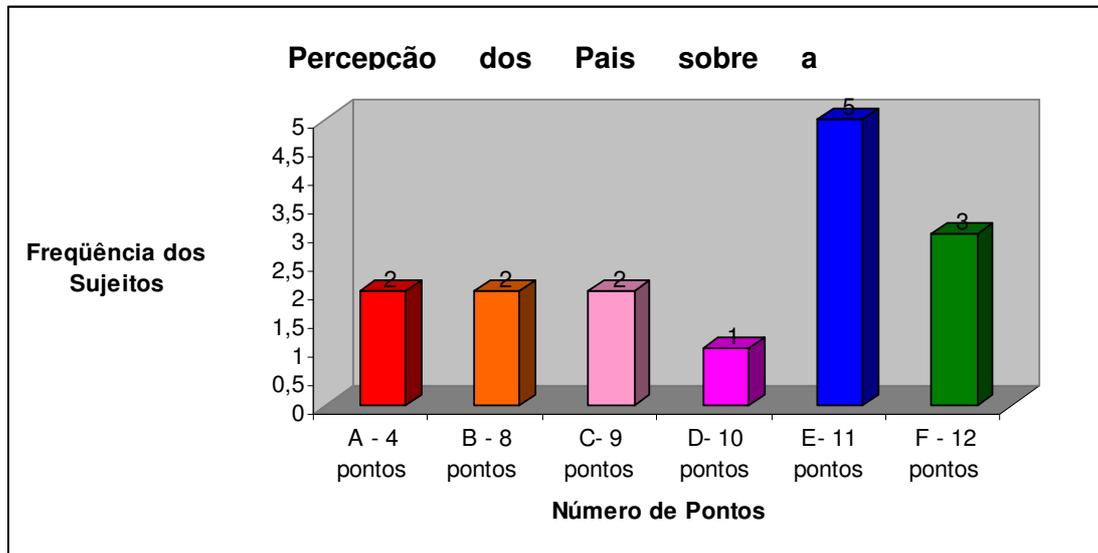


Gráfico 33 – Demonstrativo sobre a percepção dos pais sobre a sua Monitoria positiva

A figura parental masculina evidenciou que no tocante a monitoria positiva a pontuação mínima foi de 4 e a máxima de 12 pontos. Sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 8 pontos, outros 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 9 pontos, 1 (6,6%) dos sujeitos indicou 10 pontos, 5 (33,3%) indicaram 11 pontos e 3 (20%) dos sujeitos indicaram 12 pontos.

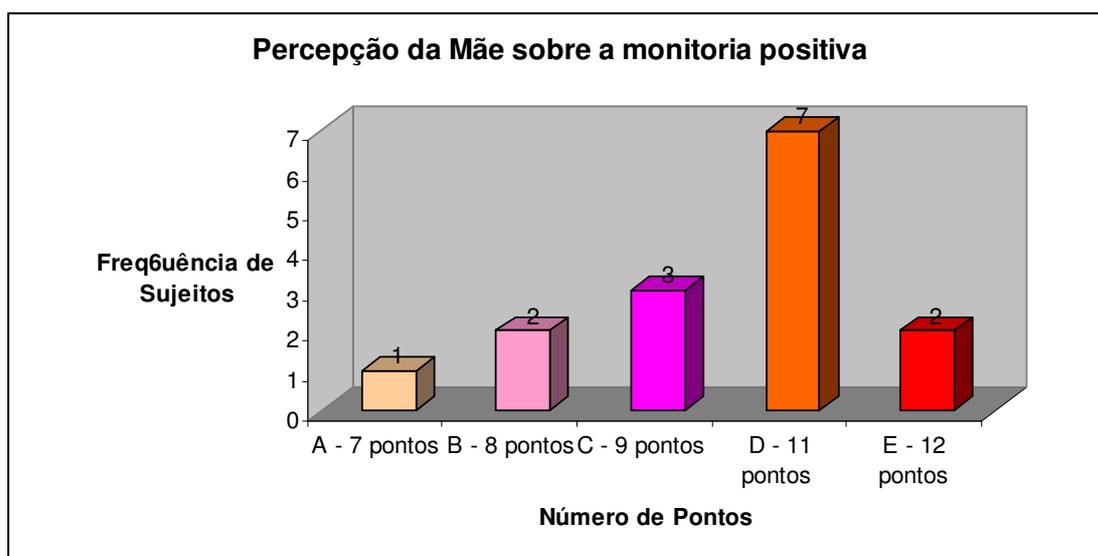


Gráfico 34 – Demonstrativo sobre a percepção das mães sobre sua Monitoria Positiva

A figura parental feminina evidenciou que no tocante a monitoria positiva a pontuação mínima foi de 7 e a máxima de 12 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicaram 7 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 8 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 9 pontos, 7 (46,6%) dos sujeitos indicaram 11 pontos e 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram a pontuação máxima de 12 pontos.

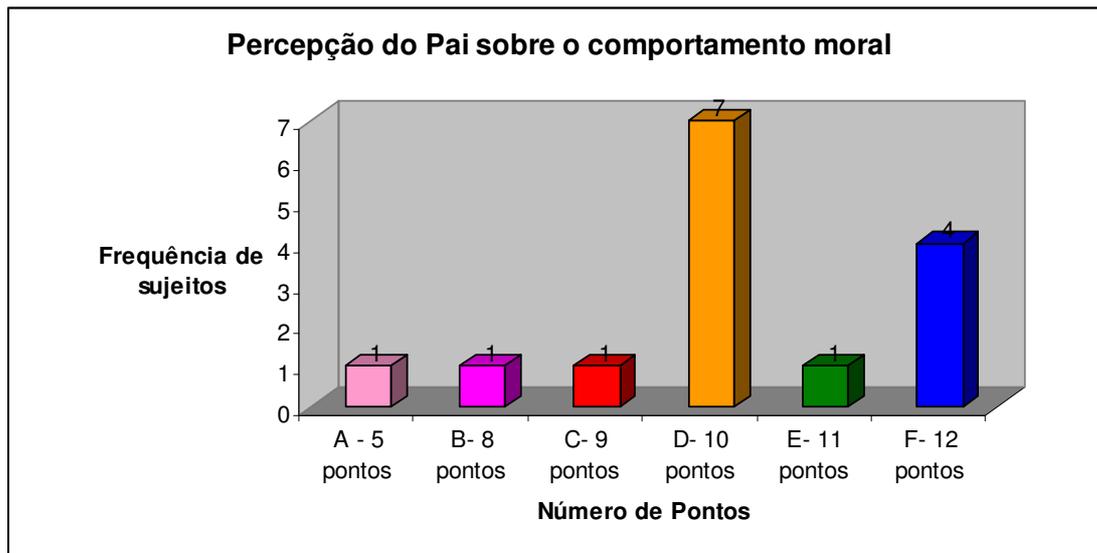


Gráfico 35 – Demonstrativo sobre a percepção dos pais sobre seu Comportamento Moral.

A figura parental masculina evidenciou que no tocante a comportamento moral a pontuação mínima foi de 5 e a máxima de 12 pontos. Sendo que 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 5 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 8 pontos, outro sujeito (6,7%) dos sujeitos indicou 9 pontos, 7 (46,6%) indicaram 10 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 11 pontos e 4 (26,7%) indicaram a pontuação máxima de 12 pontos.

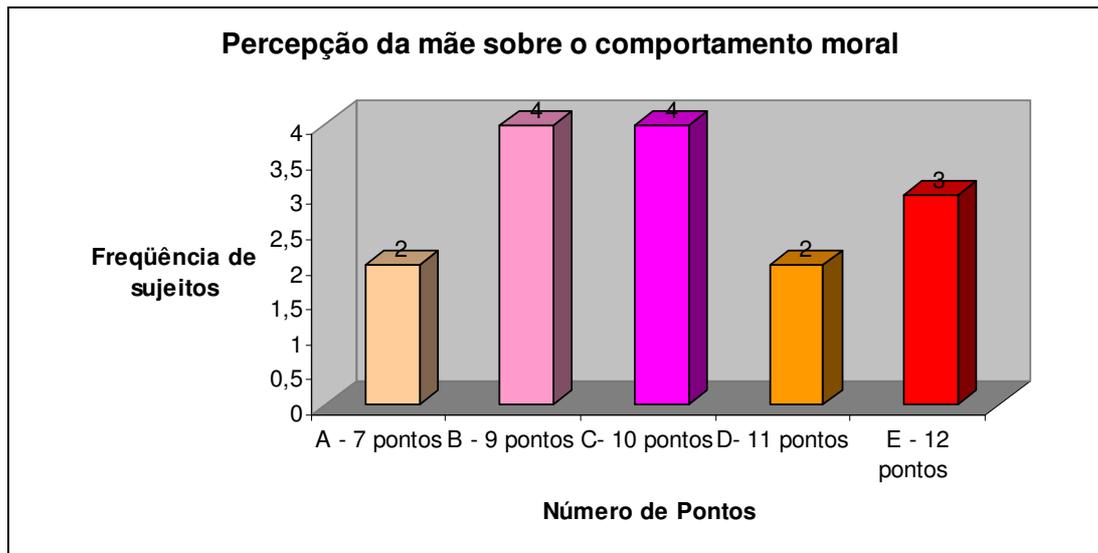


Gráfico 36 – Demonstrativo sobre a percepção das mães sobre seu Comportamento Moral.

A figura parental feminina evidenciou que no tocante ao comportamento moral a pontuação mínima foi de 7 e máxima de 12. Sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 7 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 9 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 10 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 11 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram a pontuação máxima de 12 pontos.

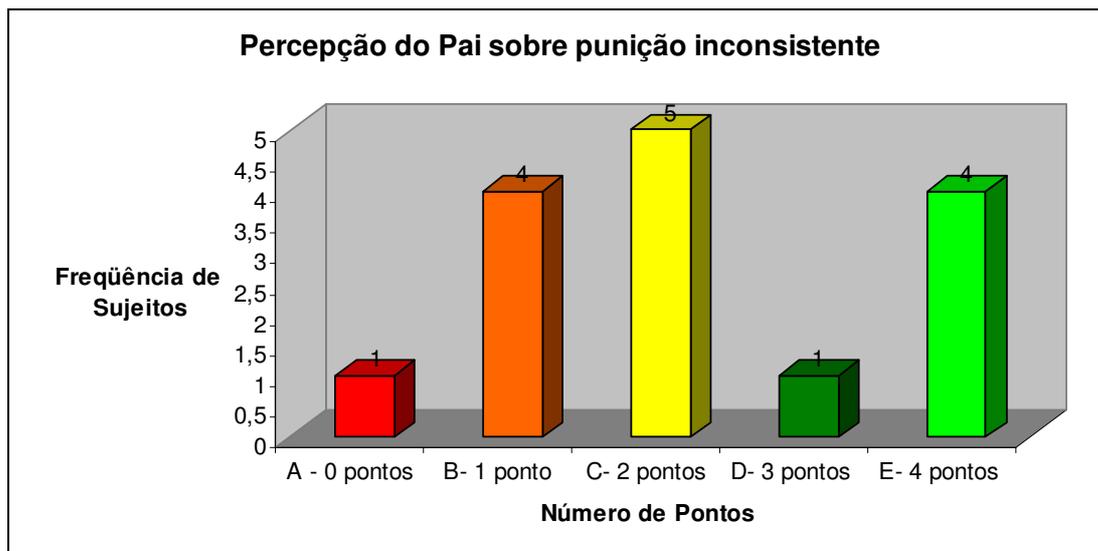


Gráfico 37 - Demonstrativo sobre a percepção dos pais sobre sua Punição Inconsistente

A figura parental masculina evidenciou que no tocante a punição inconsistente a pontuação mínima foi de 0 e a máxima de 4 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 0 ponto, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, 5 (33,3%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 3 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 4 pontos.

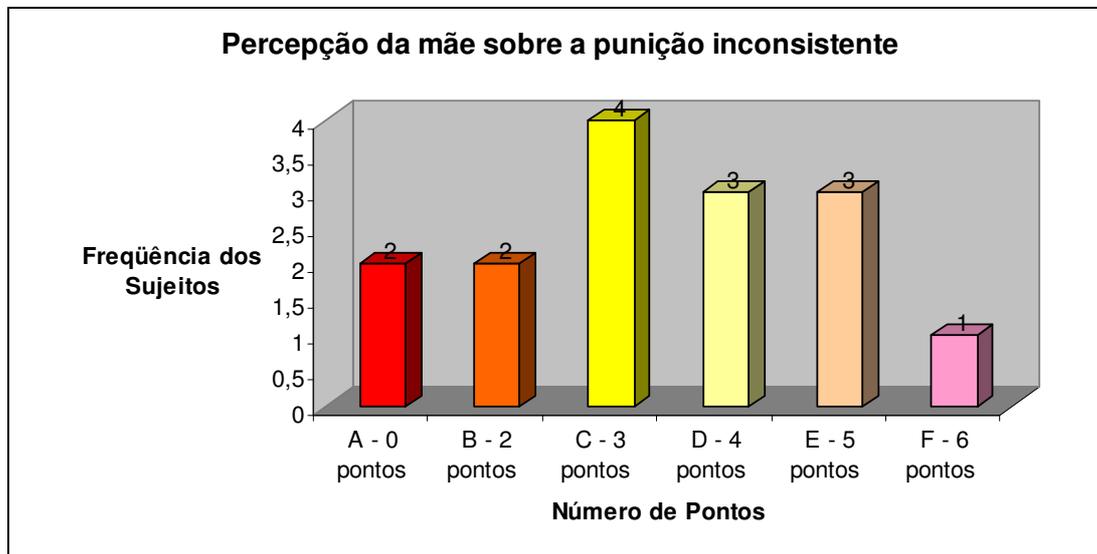


Gráfico 38 – Demonstrativo da percepção das mães sobre sua Punição Inconsistente

A figura parental feminina evidenciou que no tocante a punição inconsistente a pontuação mínima foi de 0 e a máxima de 6 pontos. Sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 3 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, e outros 3 (20%) dos sujeitos indicaram 5 pontos e 1 (6,7%) sujeito indicou 6 pontos.

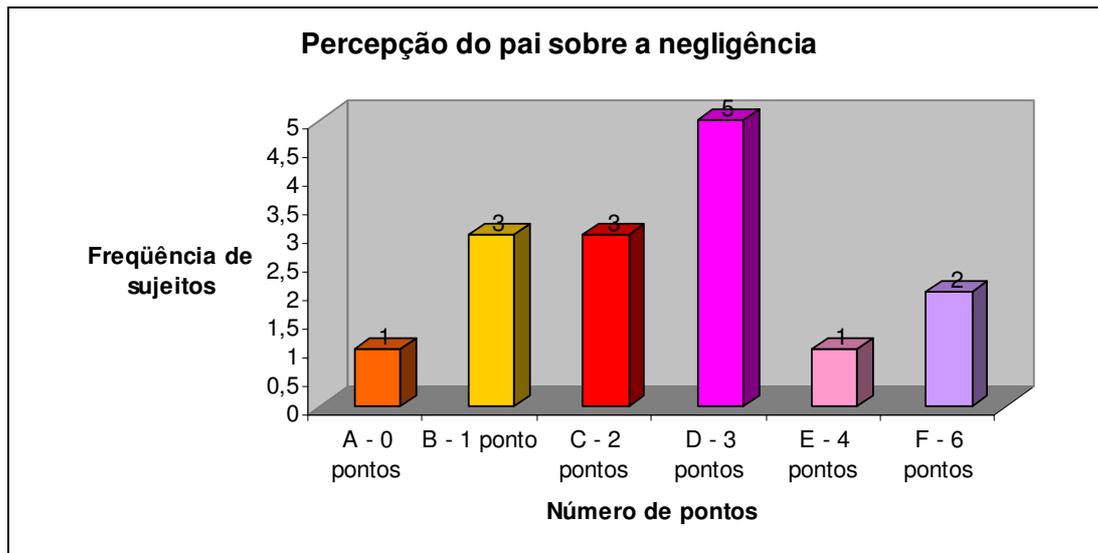


Gráfico 39 – Demonstrativo da percepção dos pais sobre sua Negligência.

A figura parental masculina evidenciou que no tocante a negligência a pontuação mínima foi de 0 e máxima de 6 pontos. Sendo que um sujeito (6,7%) indicou 0 ponto, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, outros 3 (20%) dos sujeitos indicaram 2 pontos, 5 (33,3%) dos sujeitos indicaram 3 pontos, 1 (6,7%) dos sujeitos indicou 4 pontos, e 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 6 pontos.

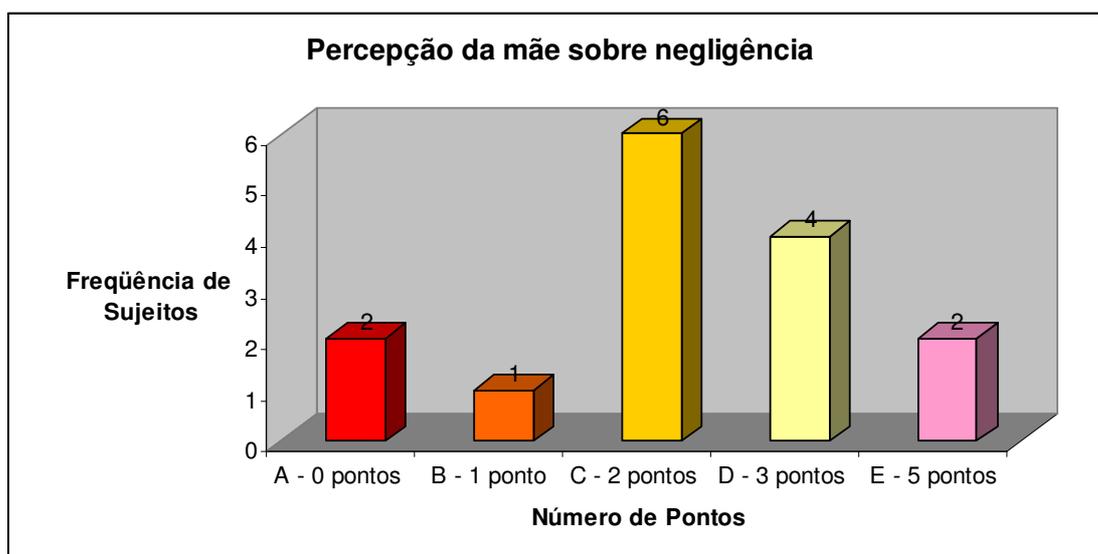


Gráfico 40 – Demonstrativo da percepção das mães sobre sua Negligência

A figura parental feminina evidenciou que no tocante a negligência a pontuação mínima foi de 0 e máxima de 5 pontos. Sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 1 (6,7%) dos sujeitos apresentou 1 ponto, 6 (40%) indicaram 2 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 3 pontos e 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 5 pontos.

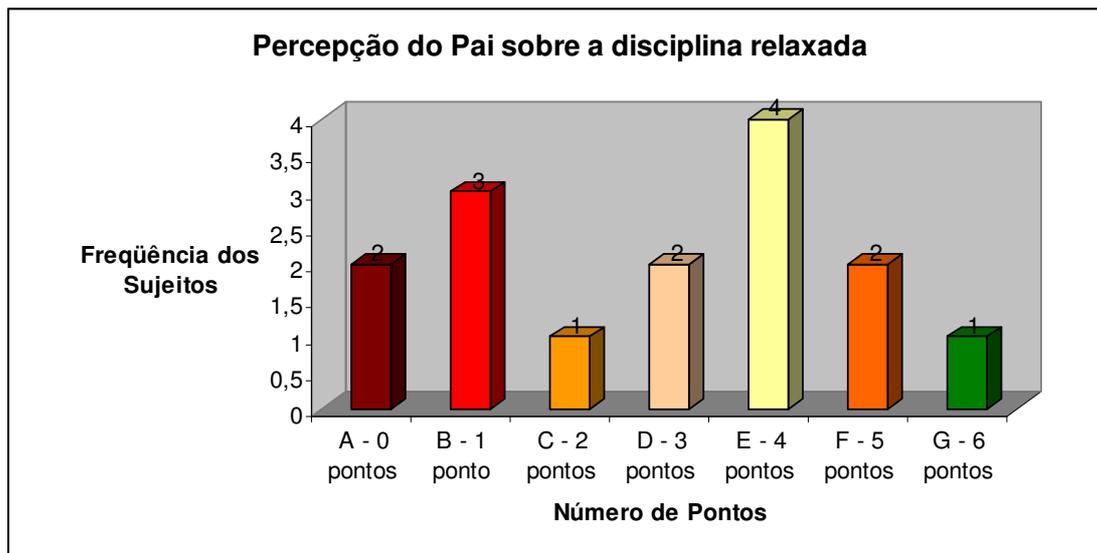


Gráfico 41 – Demonstrativos da percepção dos pais sobre sua Disciplina Relaxada

A figura parental masculina evidenciou que no tocante a disciplina relaxada à pontuação mínima foi de 0 e a máxima de 6 pontos. Sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, 1 (6,7%) indicou 2 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 3 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 5 pontos, e 1 (6,7%) sujeito apresentou 6 pontos.

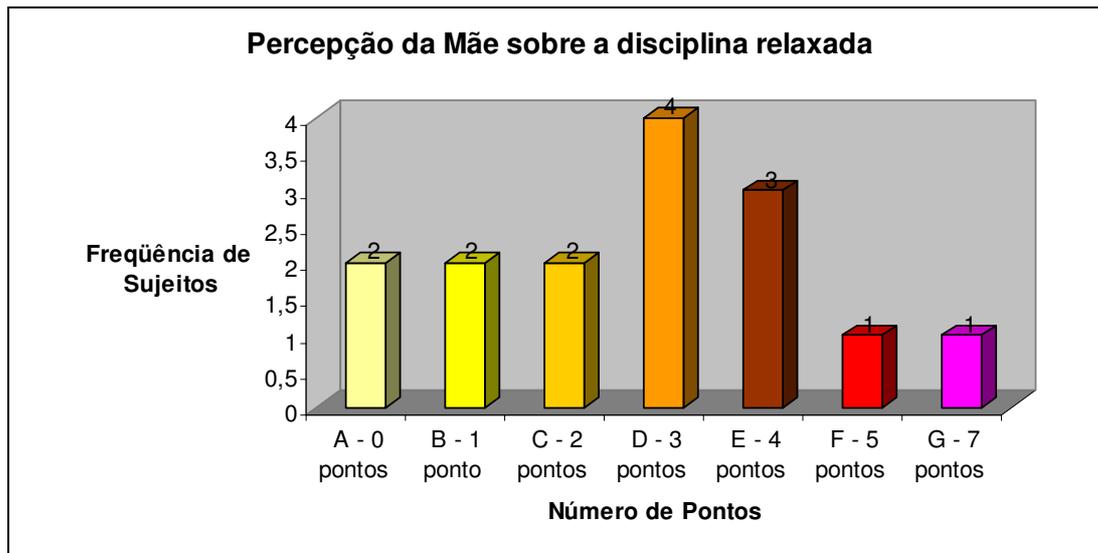


Gráfico 42 – Demonstrativo da percepção das mães sobre sua Disciplina relaxada

A figura parental feminina evidenciou que no tocante a disciplina relaxada à pontuação mínima foi de 0 e a máxima de 7 pontos. Sendo que 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 0 ponto, 2 (13,3%) dos sujeitos indicaram 1 ponto, outros 2 (13,3%) sujeitos indicaram 2 pontos, 4 (26,7%) dos sujeitos, indicaram 3 pontos, 3 (20%) dos sujeitos indicaram 4 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 5 pontos e 1 (6,7%) sujeito indicou 7 pontos.

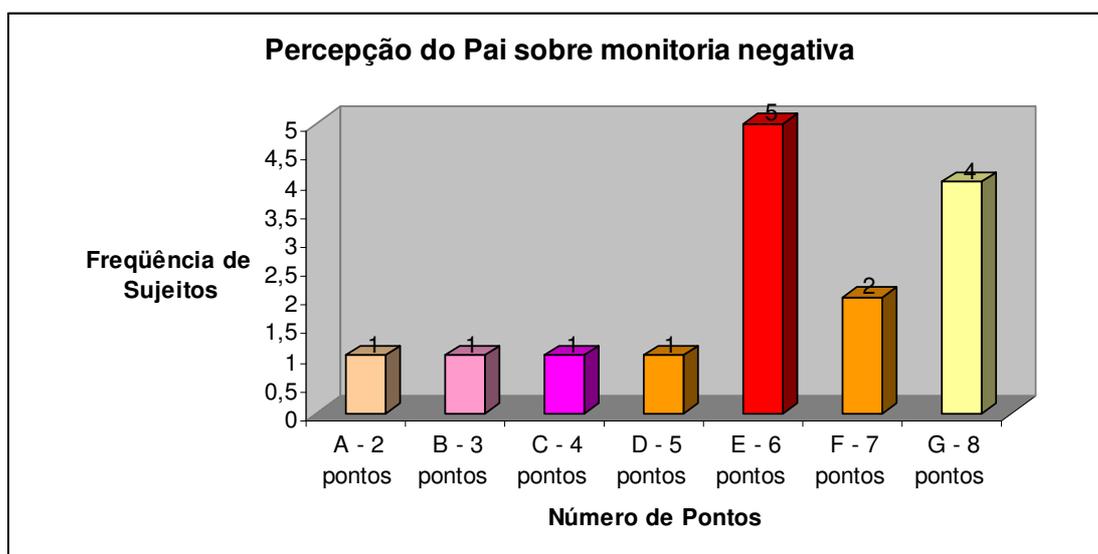


Gráfico 43 – Demonstrativo da percepção dos pais sobre sua Monitoria Negativa

A figura parental masculina evidenciou que no tocante a monitoria negativa a pontuação mínima foi de 2 e a máxima de 8 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 2 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 3 pontos, outro sujeito (6,7%) indicou 4 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 5 pontos, 5 (33,3%) sujeitos indicaram 6 pontos, 2 (13,3%) sujeitos indicaram 7 pontos e 4 (26,7%) sujeitos indicaram 8 pontos.

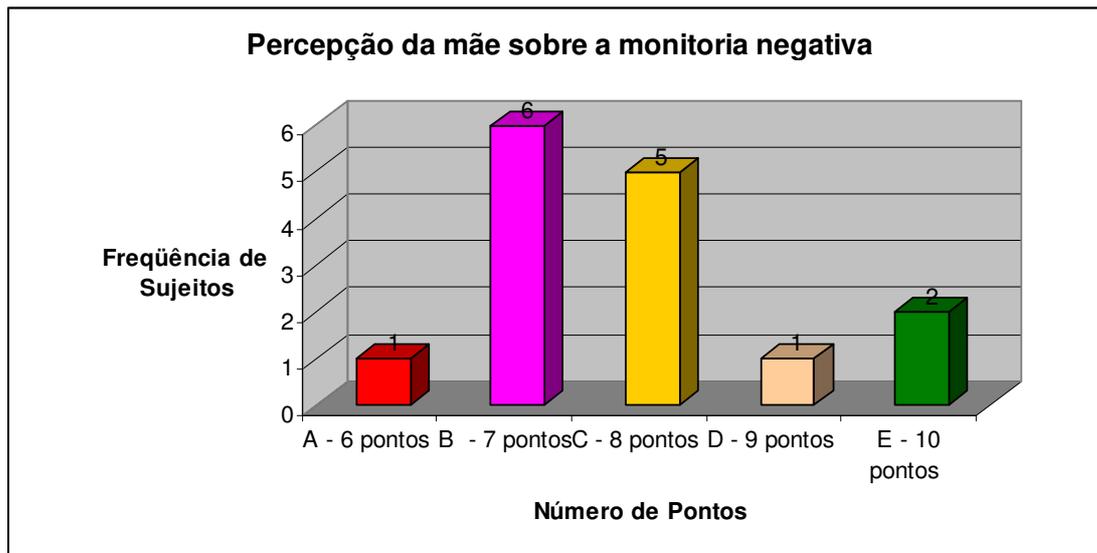


Gráfico 44 – Demonstrativo da percepção das mães sobre sua Monitoria Negativa

A figura parental feminina evidenciou que no tocante a monitoria negativa a pontuação mínima foi de 6 e a máxima de 10 pontos. Sendo que 1 (6,7%) sujeito indicou 6 pontos, 6 (40%) sujeitos indicaram 7 pontos, outros 5 sujeitos (33,3%) indicaram 8 pontos, 1 (6,7%) sujeito indicou 9 pontos, e 2 (13,3%) sujeitos indicaram 10 pontos.

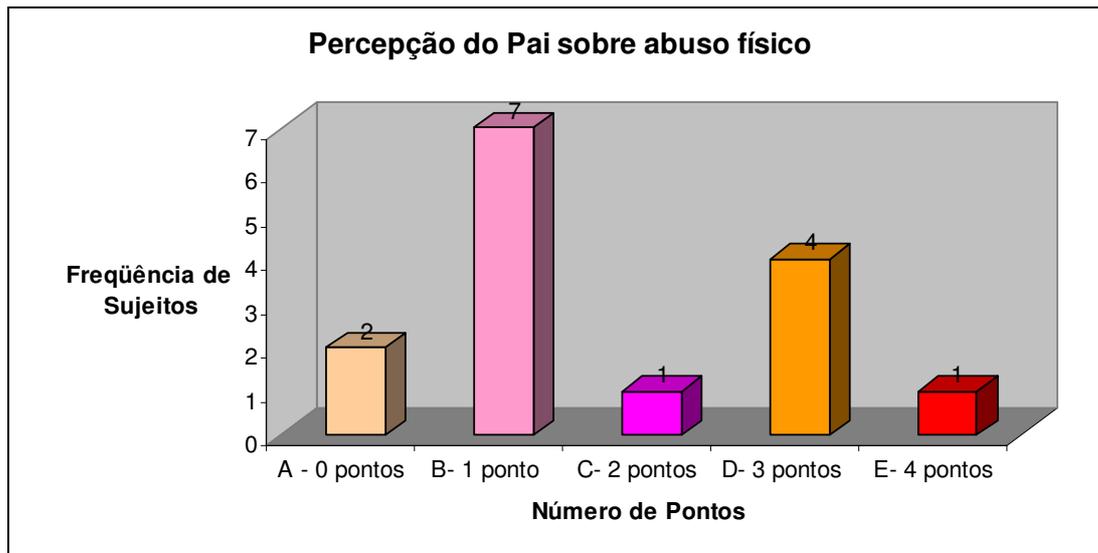


Gráfico 45 – Demonstrativo da percepção dos pais sobre seu Abuso Físico

A figura parental masculina evidenciou que no tocante ao abuso físico a pontuação mínima foi de 0 e a máxima de 4 pontos. Sendo que 2 (13,3%) sujeitos indicaram 0 pontos, 7 (46,7%) sujeitos indicaram 1 ponto, outro sujeito (6,7%) indicou 2 pontos, 4 (26,7%) sujeitos indicaram 3 pontos, e 1 (6,7%) sujeito indicou 4 pontos.

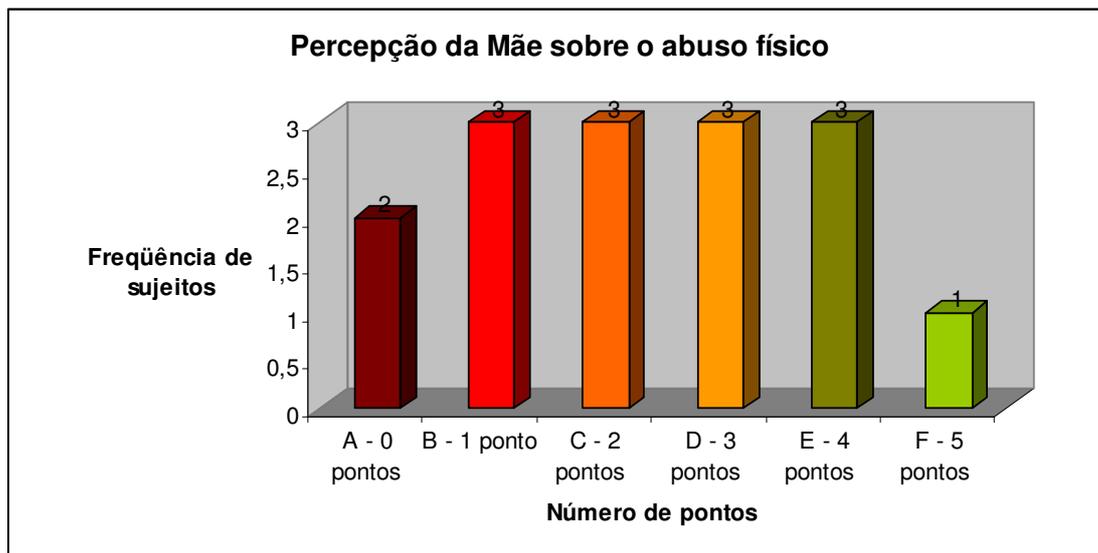


Gráfico 46 – Demonstrativo da percepção das mães sobre seu Abuso Físico

A figura parental feminina evidenciou que no tocante ao abuso físico a pontuação mínima foi de 0 e a máxima de 5 pontos. Sendo que 2 (13,3%) sujeitos indicaram 0 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 1 pontos, outros 3 sujeitos (20%) indicaram 2 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 3 pontos, 3 (20%) sujeitos indicaram 4 pontos e 1 (6,7%) sujeito indicou 5 pontos.

ANEXO 5

Percepção dos filhos

Estilo Parental Positivo/ Filho para pai

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|------------------------|---------------------|---------------------|-----------------|
| Monitoria Positiva | 5 | 12 | 9,6 |
| Comportamento Moral | 7 | 12 | 9,7 |

Tabela – 09 – Descrição da percepção dos filhos sobre os Estilos Parentais positivos apresentados pelos pais

No que se refere ao Estilo Parental Positivo dos pais na percepção dos filhos, a pontuação mínima da Monitoria Positiva foi 5 e a máxima de 12 pontos, sendo que a média é de 9,6 pontos. E com relação a Comportamento Moral a pontuação mínima foi de 7 e máxima de 12 pontos, sendo que a média foi de 9,7.

Estilo Parental Negativo/ filho para pai

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|--------------------------|---------------------|---------------------|-----------------|
| Punição Inconsistente | 0 | 8 | 3,6 |
| Negligência | 0 | 4 | 1,3 |
| Disciplina Relaxada | 0 | 6 | 1,3 |
| Monitoria Negativa | 1 | 7 | 4 |

| | | | |
|--------------|---|---|-----|
| Abuso Físico | 0 | 7 | 1,7 |
|--------------|---|---|-----|

Tabela 10 – Descrição da percepção dos filhos sobre o Estilo Parental Negativo dos pais.

Com relação ao Estilo Parental Negativo do pai na percepção dos filhos as pontuações apresentadas foram: Punição Inconsistente a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 8 pontos, sendo a média de 3,6 pontos. Com relação a Negligência a pontuação mínima de 0 e máxima de 4 pontos, sendo a média de 1,3 pontos. Com relação a Disciplina relaxada a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 6, sendo a média de 1,3. Com relação a Monitoria negativa a pontuação mínima registrada foi de 1 e máxima de 7 pontos, sendo a média de 4,0 pontos. Com relação a Abuso físico a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 7 pontos, sendo a média de 1,7 pontos.

Estilo Parental Positivo/ Filho para mãe

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|---------------------|------------------|------------------|-----------------|
| Monitoria Positiva | 8 | 12 | 10,4 |
| Comportamento Moral | 9 | 12 | 10,4 |

Tabela 11 – Descrição da percepção dos filhos sobre o Estilo Parental Positivo apresentado pelas mães.

Com relação ao Estilo Parental Positivo da mãe na percepção dos filhos as pontuações apresentadas foram: Monitoria positiva pontuação mínima de 8 e máxima de 12 pontos, sendo a média de 10,4 pontos. Com relação a Comportamento moral a pontuação mínima foi de 9 e máxima de 12 pontos, sendo a média de 10,4 pontos.

Estilo Parental Negativo/ Filho para mãe

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|-----------------------|------------------|------------------|-----------------|
| Punição Inconsistente | 0 | 6 | 2,9 |
| Negligência | 0 | 5 | 2,1 |
| Disciplina Relaxada | 0 | 4 | 1,5 |
| Monitoria Negativa | 3 | 10 | 6,4 |
| Abuso Físico | 0 | 8 | 2,5 |

Tabela 12 – Descrição da percepção dos filhos sobre o Estilo Parental Negativo das mães.

Com relação ao Estilo parental Negativo das mães na percepção dos filhos as pontuações apresentadas foram: Punição inconsistente pontuação mínima de 0 e máxima 6 pontos, sendo a média de 2,9 pontos. Com relação a Negligência a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 5 pontos, sendo a média de 2,1 pontos. Com relação a Disciplina relaxada a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 4 pontos, sendo a média de 1,5 pontos. Com relação a Monitoria negativa a pontuação mínima registrada foi de 3 e máxima de 10 pontos, sendo a média de 6,4 pontos. Com relação a Abuso Físico a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 8 pontos, sendo a média de 2,5 pontos.

ANEXO 6

Percepção do Pai
Estilo Parental Positivo

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|---------------------|---------------------|---------------------|-----------------|
| Monitoria Positiva | 4 | 12 | 9,5 |
| Comportamento Moral | 5 | 12 | 10,1 |

Tabela 13 – Descrição do Estilo Parental Positivo na percepção dos pais.

Na percepção do pai sobre seu Estilo Parental Positivo as pontuações apresentadas foram: Monitoria positiva pontuação mínima de 4 e máxima de 12 pontos sendo a média de 9,5. Com relação a Comportamento moral a pontuação mínima registrada foi de 5 e máxima de 12 pontos, sendo a média de 10,1 pontos.

Estilo Parental Negativo

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|-----------------------|---------------------|---------------------|-----------------|
| Punição Inconsistente | 0 | 4 | 2,2 |
| Negligência | 0 | 6 | 2,7 |
| Disciplina Relaxada | 0 | 6 | 2,9 |
| Monitoria Negativa | 2 | 8 | 6 |
| Abuso Físico | 0 | 4 | 1,7 |

Tabela 14 – Descrição da Percepção dos pais sobre seu Estilo Parental Negativo

Na percepção do pai sobre seu Estilo Parental Negativo as pontuações apresentadas foram: Punição Inconsistente pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 4 pontos, sendo a média de 2,2 pontos. Com relação a Negligência a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 6 pontos, sendo a média de 2,7 pontos. Com relação a Disciplina relaxada a pontuação mínima registrada foi de 0 e máxima de 6 pontos, sendo a média de 2,9 pontos. Com relação a Monitoria negativa a pontuação mínima registrada foi de 2 pontos e máxima de 8 pontos, sendo a média de 6,0 pontos. Com relação a Abuso físico a pontuação mínima foi de 0 e máxima de 4 pontos, sendo a média de 1,7 pontos.

Percepção da Mãe

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|---------------------|------------------|------------------|-----------------|
| Monitoria Positiva | 7 | 12 | 10,1 |
| Comportamento Moral | 7 | 12 | 9,9 |

Tabela15 – Descrição do Estilo Parental Positivo Apresentado pelas Mães

Na percepção da Mãe quanto a seu Estilo Parental Positivo as pontuações registradas foram: Monitoria Positiva pontuação mínima de 7 e máxima de 12 pontos, sendo a média de 10,1 pontos. Com relação a Comportamento moral a pontuação mínima foi de 7 e máxima de 12 pontos, sendo a média de 9,9 pontos.

Estilo Parental Negativo

| | Pontuação Mínima | Pontuação Máxima | Pontuação Média |
|-----------------------|------------------|------------------|-----------------|
| Punição Inconsistente | 0 | 6 | 3,3 |

| | | | |
|---------------------|---|----|-----|
| Negligência | 0 | 5 | 2,3 |
| Disciplina Relaxada | 0 | 7 | 2,8 |
| Monitoria Negativa | 6 | 10 | 7,8 |
| Abuso Físico | 0 | 5 | 2,3 |

Tabela 16 – Descrição do Estilo Parental Negativo apresentado pelas mães

Com relação a percepção da mãe quanto a seu estilo parental as pontuações registradas foram: Punição Inconsistente pontuação mínima de 0 e máxima de 6 pontos, sendo a média de 3,3 pontos. Com relação a Negligência a pontuação mínima foi de 0 e máxima de 5 pontos, sendo a média de 2,3 pontos. Com relação a Disciplina relaxada a pontuação mínima de 0 e máxima de 7, sendo a média de 2,8 pontos. Com relação a Monitoria negativa a pontuação mínima de 6 e máxima de 10 pontos, sendo a média de 7,8 pontos. Com relação a Abuso físico a pontuação mínima de 0 e máxima de 5, sendo a média de 2,3 pontos.

ANEXO 7

Organização dos dados segundo o gênero

iep.filho.pai(a)

| | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|-------|-----------|------------|
| 5 | 1 | 20 |
| 9 | 1 | 20 |
| 10 | 1 | 20 |
| 11 | 1 | 20 |
| 12 | 1 | 20 |
| Total | 5 | 100 |

a gênero do filho = masculino

Tabela 17 – Descrição do Estilo Parental apresentado pelos pais na percepção dos filhos do sexo masculino.

Os filhos ao se reportarem ao estilo parental do pai, apresentaram uma pontuação mínima de 5 e máxima de 12.

iep.filho.pai(a)

| | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|-------|-----------|------------|
| -7 | 1 | 10 |
| -1 | 1 | 10 |
| 0 | 1 | 10 |
| 3 | 1 | 10 |
| 5 | 1 | 10 |
| 7 | 1 | 10 |
| 9 | 1 | 10 |
| 12 | 1 | 10 |
| 18 | 1 | 10 |
| 19 | 1 | 10 |
| Total | 10 | 100 |

a gênero do filho = feminino

Tabela 18 - Descrição do Estilo Parental apresentado pelos pais na percepção dos filhos do sexo feminino.

Quanto aos filhos ao se reportarem ao estilo parental do pai, a pontuação mínima foi de -7 e a máxima de 19. Pode-se notar uma diferença de pontuação média entre

filhos do sexo masculino e feminino, sendo que somente as meninas apresentaram pontuação negativa.

iep.filho.mãe(a)

| | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|-------|-----------|------------|
| 2 | 1 | 20 |
| 6 | 1 | 20 |
| 11 | 2 | 40 |
| 15 | 1 | 20 |
| Total | 5 | 100 |

a gênero do filho = masculino

Tabela19 – Descrição do estilo Parental apresentado pelas mães na percepção dos filhos do sexo masculino.

Quando os filhos responderam os itens do instrumento relativos à figura parental materna, a pontuação mínima foi de 2 e a máxima de 15.

iep.filho.mãe(a)

| | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|-------|-----------|------------|
| -11 | 1 | 10 |
| -8 | 1 | 10 |
| -3 | 1 | 10 |
| -1 | 1 | 10 |
| 5 | 1 | 10 |
| 6 | 1 | 10 |
| 7 | 1 | 10 |
| 11 | 1 | 10 |
| 14 | 1 | 10 |
| 17 | 1 | 10 |
| Total | 10 | 100 |

a gênero do filho = feminino

Tabela 20 – Descrição do Estilo Parental apresentado pelas mães na percepção dos filhos do sexo feminino.

Quando as filhas responderam os itens do instrumento relativos à figura parental materna, a pontuação mínima foi de -11 e a máxima de 17. Houve uma diferença de

pontuação média entre meninos e meninas., sendo que apenas as filhas apresentavam pontuação negativa.

iep.pai(a)

| | | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|-------|----|-----------|------------|
| Valid | -2 | 1 | 20 |
| | 3 | 1 | 20 |
| | 4 | 1 | 20 |
| | 5 | 1 | 20 |
| | 9 | 1 | 20 |
| Total | | 5 | 100 |

a gênero do filho = masculino

Tabela 21 – Descrição do iep dos pais sob a perspectiva dos filhos do sexo masculino

Os pais consultados neste estudo e que possuíam filhos, apresentaram uma pontuação mínima de -2 e máxima de 9 pontos.

iep.pai(a)

| | | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|-------|----|-----------|------------|
| | -8 | 2 | 20 |
| | -2 | 1 | 10 |
| | 1 | 1 | 10 |
| | 3 | 2 | 20 |
| | 10 | 1 | 10 |
| | 13 | 1 | 10 |
| | 16 | 2 | 20 |
| Total | | 10 | 100 |

a gênero do filho = feminino

Tabela 22 – Descrição do iep dos pais sob a perspectiva dos filhos do sexo feminino

Os pais consultados neste estudo e que possuíam filhas, assinalaram uma pontuação mínima de -8 e máxima de 9 pontos. Este dado pode demonstrar que há variação na percepção quanto a figura paterna responde sobre seu estilo parental quando comparado entre pais de meninos e meninas.

iep.mãe(a)

| | | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
|--|--|-----------|------------|
|--|--|-----------|------------|

| | | | |
|-------|-----|---|-----|
| | -10 | 1 | 20 |
| | 2 | 1 | 20 |
| | 6 | 2 | 40 |
| | 11 | 1 | 20 |
| Total | | 5 | 100 |

a gênero do filho = masculino

Tabela 23 – Descrição do iep das mães sob a perspectiva dos filhos do sexo masculino

As mães de meninos, ao responderem sobre seu estilo parental, indicaram uma pontuação mínima de -10 e máxima de 11.

| iep.mãe | | | |
|----------------|-----|-----------|------------|
| | | <i>Fr</i> | <i>Fr%</i> |
| | -13 | 1 | 10 |
| | -2 | 1 | 10 |
| | -1 | 1 | 10 |
| | 0 | 2 | 20 |
| | 1 | 2 | 20 |
| | 2 | 1 | 10 |
| | 9 | 2 | 20 |
| Total | | 10 | 100 |

a gênero do filho = feminino

Tabela 24 – Descrição do iep das mães sob a perspectiva dos filhos do sexo feminino

As mães de meninas, ao responderem sobre seu estilo parental, indicaram uma pontuação mínima de -13 e máxima de 11, não havendo grande discrepância de percepções entre filhos e filhas.

ANEXO 8

Organização dos dados segundo a idade dos filhos

iep.filho.pai

| <i>Idade do filho</i> | <i>Pontuação</i> | <i>Fr</i> |
|-----------------------|------------------|-----------|
| 8 | 5 | 1 |
| | 10 | 1 |
| | 18 | 1 |
| 10 | -7 | 1 |
| | 11 | 1 |
| | 12 | 2 |
| 12 | 0 | 1 |
| | 5 | 1 |
| 13 | 3 | 1 |
| | 9 | 1 |
| 14 | -1 | 1 |
| | 7 | 1 |
| | 9 | 1 |
| 15 | 19 | 1 |

Tabela 25 – Descrição do iep dos pais segundo a idade de seus filhos

Quanto à percepção dos filhos em relação ao estilo parental paterno, os sujeitos com 8 anos indicaram uma pontuação mínima de 5 e máxima de 18, com 10 anos pontuação mínima de -7 e máxima de 12, com 12 anos pontuação mínima de 0 e máxima de 5, com 13 anos, pontuação mínima de 3 e máxima de 9, com 14 anos a pontuação mínima de -1 e máxima de 9 e com 15 anos apenas um posto de pontuação 19.

Iep.filho.mãe

| <i>idade do filho</i> | <i>Pontuação</i> | <i>Fr</i> |
|-----------------------|------------------|-----------|
| 8 | -11 | 1 |
| | 11 | 1 |
| | 14 | 1 |
| 10 | 6 | 2 |
| | 7 | 1 |
| | 11 | 1 |
| 12 | 2 | 1 |
| | 5 | 1 |
| 13 | -8 | 1 |
| | -3 | 1 |

| | | |
|----|----|---|
| 14 | -1 | 1 |
| | 15 | 1 |
| | 17 | 1 |
| 15 | 11 | 1 |

Tabela 26 – Descrição do iep das mães segundo a idade de seus filhos

Quanto à percepção dos filhos em relação ao estilo parental materno, os sujeitos com 8 anos indicaram uma pontuação entre -11 e 14, 10 anos entre 6-11, 12 anos entre 2-5 , 13 anos entre -8 e 17 e com 15 anos apresenta apenas um posto de pontuação ou seja

Iep.pai

| <i>Idade do filho</i> | <i>Pontuação</i> | <i>Fr</i> |
|-----------------------|------------------|-----------|
| 8 | -8 | 1 |
| | 5 | 1 |
| | 13 | 1 |
| 10 | -2 | 1 |
| | 1 | 1 |
| | 3 | 1 |
| | 10 | 1 |
| 12 | -2 | 1 |
| | 9 | 1 |
| 13 | 3 | 2 |
| 14 | -8 | 1 |
| | 4 | 1 |
| | 16 | 1 |
| 15 | 16 | 1 |

Tabela 26 – Descrição da percepção dos pais sobre seu iep segundo a idade de seus filhos

Quanto à percepção do pai sobre o seu estilo parental, aqueles que possuíam filhos de 8 anos indicaram uma pontuação entre -8 e 13, com 10 anos -2 -10, com 12 anos -2 a 9, 13 anos com apenas um posto de pontuação 3, 14 anos entre -8 a 16 e com 15 anos com pontuação 16.

iep.mãe

| Idade do filho | Pontuação | Fr |
|----------------|-----------|----|
| 8 | 0 | 1 |
| | 6 | 1 |
| | 9 | 1 |
| 10 | -10 | 1 |

| | | |
|----|-----|---|
| | -2 | 1 |
| | 6 | 1 |
| | 9 | 1 |
| 12 | -13 | 1 |
| | 11 | 1 |
| 13 | 0 | 1 |
| | 1 | 1 |
| 14 | -1 | 1 |
| | 2 | 2 |
| 15 | 1 | 1 |

Tabela 27- Descrição da percepção das mães sobre seu iep segundo a idade de seus filhos.

Quanto à percepção da mãe sobre o seu estilo parental aquelas que possuíam filhos de 8 anos indicaram uma pontuação entre 0 e 9, com 10 anos -10 a 9, com 12 anos -13 a 11, com 13 anos 0 a 1, com 14 anos -1 a 2 e com 15 anos apenas um posto de pontuação 15.